



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Tecnologia e Ciências

Instituto de Geografia

Camila Gomes Alves

**Rosa Ester Rossini e o pioneirismo nos estudos de gênero na ciência
geográfica brasileira**

Rio de Janeiro

2023

Camila Gomes Alves

**Rosa Ester Rossini e o pioneirismo nos estudos de gênero na ciência geográfica
brasileira**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Gestão e Estruturação do Espaço Geográfico.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mônica Sampaio Machado

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/C

A474 Alves, Camila Gomes.
Rosa Ester Rossini e o pioneirismo nos estudos de gênero na ciência geográfica brasileira / Camila Gomes Alves. – 2023.
85 f. : il.

Orientadora: Mônica Sampaio Machado.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia.

1. Rossini, Rosa Ester, 1941 – geógrafa – Teses. 2. Geografia humana – Teses. 3. Geografia feminista – Teses. 4. Identidade de gênero – Teses. 5. Estudo biográfico – produção intelectual – Teses. I. Machado, Mônica Sampaio. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Geografia. III. Título.

CDU 929:911(81)

Bibliotecário Responsável: Priscila Freitas Araujo/ CRB-7: 7322

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Camila Gomes Alves

**Rosa Ester Rossini e o pioneirismo nos estudos de gênero na ciência geográfica
brasileira**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Gestão e Estruturação do Espaço Geográfico.

Aprovada em 24 de Março de 2023

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Mônica Sampaio Machado

Instituto de Geografia - UERJ

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Mariane de Oliveira Biteti

Instituto de Geografia – UERJ

Prof.^a Dr.^a. Carla Hirt

Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Prof.^a Dr.^a. Joseli Maria Silva

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares pelo amor e apoio de sempre, principalmente, a minha amada mãe Luzia por todo o amor e carinho, que me deu forças pra chegar até aqui. Ao meu querido pai Luis que me ensinou o valor da honestidade, superação e respeito. Sei que se orgulham por ter sido a primeira filha a concluir o Ensino Superior e chegar a Pós-graduação, enfrentando todas as dificuldades com muita luta e coragem para concluir esse desejo, que vocês tanto se empenharam. Ao meu irmão Rafael e irmã Isabela por toda ajuda e compreensão de todo o meu esforço e da árdua tarefa que foi chegar até aqui. Aos meus sobrinhos Matheus e Miguel, pela compreensão sempre demonstrada no tempo que não lhes dediquei. Todos os meus agradecimentos a minha família.

Agradeço a minha professora e orientadora Mônica Sampaio Machado, pela amizade, convívio, confiança, paciência e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho, as nossas conversas durante e para além do grupo de pesquisa foram fundamentais. Muito obrigada por ter abraçado esse projeto de maneira tão completa.

Aos meus amigos e amigas que, apesar da saudade, compreenderam a distância criada pelo meu empenho na pesquisa. E, durante as partes mais difíceis dessa jornada, eles nunca deixaram de me encorajar.

Ao amigo Edgar de Carvalho Santana toda a minha admiração e gratidão pela amizade e apoio nos mais diversos momentos.

A todos os funcionários que me auxiliaram durante a minha trajetória no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

A todos que já falei, agradeço por acreditarem direta ou indiretamente no meu potencial, nas minhas ideias, e devaneios, principalmente quando nem eu mais acreditava.

Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres.

Rosa Luxemburgo

RESUMO

ALVES, Camila Gomes. **Rosa Ester Rossini e o pioneirismo nos estudos de gênero na ciência geográfica brasileira**. 2023. 85 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Este trabalho tem por objetivo principal pesquisar a trajetória de Rosa Ester Rossini, importante geógrafa, para a historiografia da geografia brasileira. Isso será feito por meio de um estudo biográfico aliado à análise da produção intelectual de Rosa Ester Rossini e sua trajetória espacial (vínculos familiares, institucionais e políticos), destacando sua contribuição teórica significativa e relevante para as discussões e compreensão das questões de gênero no campo do conhecimento geográfico brasileiro. Dessa forma, buscou-se apresentar uma análise sobre a produção intelectual da geógrafa Rosa Ester Rossini, que aborda a temática de gênero na Geografia, desde 1988, sob a perspectiva da inserção da força de trabalho feminina e a divisão sexual e espacial do trabalho feminino na atividade canavieira na macroárea de Ribeirão Preto no estado de São Paulo. Estudos como “A Mulher como força de trabalho no campo”; “Mulheres e homens na força de trabalho na agricultura” e “Geografia e gênero: a força de trabalho feminina começa a ser incorporada pela modernidade tecnológica na agroindústria canavieira na macroárea de Ribeirão Preto” serão apresentados, discorrendo sobre as principais temáticas e caminhos teórico-metodológicos, a fim de compreender e detalhar como a autora aborda as discriminações e desigualdades entre homens e mulheres na esfera do trabalho. A produção intelectual de Rosa Ester Rossini também percorreu estudos sobre as questões de gênero na educação básica, trazendo a tona as discussões sobre intolerância à diversidade e sobre o sexismo, a fim de promover a igualdade de gênero nas escolas e na sociedade em geral. Dessa forma participou da elaboração do Guia “Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência”, instrumento de orientação, autoavaliação e atividades didáticas destinado aos/as professores/as, com o objetivo de diminuir e/ou eliminar os preconceitos de gênero e o sexismo veiculados pelos materiais didáticos e também pela sociedade.

Palavras-chave: Rosa Ester Rossini; geografia; gênero.

ABSTRACT

ALVES, Camila Gomes. **Rosa Ester Rossini and pioneering gender studies in Brazilian geographic science**. 2023. 85 f. Dissertation (Master in Geography) – Institute of Geography, State University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The main objective of this work is to research the trajectory of Rosa Ester Rossini, an important geographer, for the historiography of Brazilian geography. This will be done through a biographical study combined with the analysis of Rosa Ester Rossini's intellectual production and her spatial trajectory (family, institutional and political ties), highlighting her significant and relevant theoretical contribution to the discussions and understanding of gender issues in the field of Brazilian geographic knowledge. In this way, we sought to present an analysis of the intellectual production of the geographer Rosa Ester Rossini, who addresses the theme of gender in Geography, since 1988, from the perspective of the insertion of the female workforce and the sexual and spatial division of female work in the sugarcane activity in the macro area of Ribeirão Preto in the state of São Paulo. Studies such as “Women as a workforce in the countryside”; “Women and men in the agricultural workforce” and “Geography and gender: the female workforce begins to be incorporated by technological modernity in the sugarcane agroindustry in the macro-area of Ribeirão Preto” will be presented, discussing the main themes and theoretical paths- methodological, in order to understand and detail how the author addresses discrimination and inequalities between men and women in the sphere of work. Rosa Ester Rossini's intellectual production also covered studies on gender issues in basic education, bringing up discussions on intolerance to diversity and on sexism, in order to promote gender equality in schools and society in general. In this way, it participated in the preparation of the Guide “Teaching and education with gender equality in childhood and adolescence”, an instrument for guidance, self-assessment and didactic activities aimed at teachers, with the aim of reducing and/or eliminating prejudices of gender and sexism conveyed by teaching materials and also by society.

Keywords: Rosa Ester Rossini; geography; gender.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Rosa Ester Rossini	22
Figura 2 - Serra Azul, município do estado de São Paulo.....	23
Figura 3- Rosa Ester Rossini - Colação de Grau – 1964.....	26
Figura 4 - Cerimônia de concessão do título de "Doutora Honoris Causa.....	31
Figura 5 - Pioneiras da Ciência	32
Figura 6 - Rosa Ester Rossini - ENANPEGE, 2019.....	34
Figura 7 - Livro “Dinâmicas contemporâneas do espaço agrário brasileiro”.....	35
Figura 8 - Taxa de atividade masculina e feminina, segundo a condição de domicílio, Brasil.....	46
Figura 9 - Macroárea de Ribeirão Preto – Número de filhos por família.....	49
Figura 10 - Macroárea de Ribeirão Preto – Escolaridade média das pessoas com 7 anos e integrantes da família	50
Figura 11 - Macroárea de Ribeirão Preto – Rendimento da Força de Trabalho.....	51
Figura 12 - Guia Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na Infância e Adolescência..	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Livros Publicados.....	34
Quadro 2 - Capítulos Publicados em Livros.....	36
Quadro 3 - Artigos Publicados em Periódicos.....	38
Quadro 4 - Projetos de Pesquisa.....	41
Quadro 5 - Lista de Perguntas – Guia: Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência.....	68
Quadro 6 - Sugestões e Possíveis soluções.....	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEP	Associação Brasileira de Estudos Populacionais
AGB	Associação dos Geógrafos Brasileiros
CAICs	Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
CECAE	Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e Atividades Especiais
CERU	Centro de Estudos Rurais e Urbanos
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FIB	Felicidade Interna Brutal ou Índice de Felicidade
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GeoBrasil	Grupo de Pesquisa Geografia Brasileira: História e Política
IHGSP	Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
IUSSP	União Internacional para o Estudo Científico da População
LABOPLAN	Laboratório de Geografia Política, Planejamento Territorial e Ambiental
MEC	Ministério da Educação e do Desporto
NEMGE	Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
Proálcool	Programa Nacional do Álcool
PRONAICA	Programa Nacional de Atenção Integral Criança e ao Adolescente
PUC	Pontifícia Universidade Católica
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UGI	União Geográfica Internacional
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICENTRO	Universidade Estadual do Centro-Oeste
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	OBJETIVOS	18
2	METODOLOGIA	19
3	TRAJETÓRIA HISTÓRICO-ESPACIAL E TERRITÓRIO DE VIDA DE ROSA ESTER ROSSINI	22
3.1	Rosa Ester Rossini seus primeiros 20 anos e a chegada à universidade	23
3.2	Rosa Ester Rossini, o ensino e a pesquisa	26
3.3	Rosa Ester Rossini, Geografia e gênero	29
3.4	Produção científica de Rosa Ester Rossini	34
4	TRABALHO E GÊNERO NAS OBRAS DE ROSA ESTER ROSSINI	43
4.1	Geografia e gênero: a mulher como força de trabalho no campo	44
4.2	Mulheres e homens na força de trabalho na agricultura. O exemplo da macro-área de Ribeirão Preto-SP (1977-2006)	47
4.3	Geografia e gênero: a força de trabalho feminina começa a ser incorporada pela modernidade tecnológica na agroindústria canavieira na macroárea de Ribeirão Preto	52
5	ENSINO, EDUCAÇÃO E GÊNERO NAS OBRAS DE ROSA ESTER ROSSINI	61
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

A composição de uma historiografia da Geografia a partir da trajetória espacial associada à produção intelectual, atuação acadêmica e política de seus autores torna-se um exercício essencial para a compreensão sobre a história do pensamento geográfico no Brasil.

Desta forma, o objetivo central desta pesquisa é apresentar a trajetória espacial da geógrafa Rosa Ester Rossini, através da sua produção intelectual, atuação acadêmica, sua área de estudo, seus vínculos familiares, seu lugar de atuação, e suas relações políticas e institucionais, possibilitando localizar a autora em questão no tempo e no espaço e seus pensamentos, e melhor refletir sobre suas contribuições para a geografia brasileira.

É concludente que o espaço, lugar, território e paisagem constituem as principais categorias de análise da Geografia. A construção do conceito de espaço geográfico, ao longo da história da Geografia, foi concebida de diferentes maneiras, porém, conforme Milton Santos (1996) em sua obra “A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção”, “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. (p.39).

Segundo Machado (2002), “tem-se como hipótese que os lugares onde vivemos e passamos, a geografia material cotidiana e visitada, explicam, condicionam e direcionam nossa interpretação, compreensão e atuação no mundo”. Assim, de acordo com Machado:

Os lugares resultam do conjunto de formas e objetos espaciais com temporalidades diferentes, pelas e entre as quais os homens se movimentam. Possibilitam encontros e estabelecimentos de redes sociais de natureza diversa, políticas, econômicas, intelectuais, de trabalho e de amizade, que se alimentam reciprocamente. Independente do período temporal, quanto mais central e global for o lugar não apenas maior quantidade de informação, cultura e de agenciamentos políticos e econômicos nele se darão, condição que estará associada a sua capacidade técnica, como também maior será o alcance espacial dessas relações. (MACHADO, 2002, p.18-19).

O espaço geográfico carece para sua análise outros conceitos. De acordo com Santos,

Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas, que num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima. [...] A paisagem se dá como um conjunto de objetos reais-concretos. Nesse sentido a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. O espaço é sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única. Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de

formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico. Já o espaço resulta da intrusão da sociedade nessas formas-objetos. Por isso, esses objetos não mudam de lugar, mas mudam de função, isto é, de significação, de valor sistêmico. A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável: o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente. (SANTOS, 1996, p. 103-104)

O território é um dos conceitos que auxilia na análise do espaço geográfico. Ele também é amplo, visto a diversidade de usos do conceito. De acordo com Santos e Silveira (2008), “quando quisermos definir qualquer pedaço do território, devemos levar em conta a interdependência e a inseparabilidade entre a materialidade, que inclui a natureza, e o seu uso, que inclui a ação humana, isto é o trabalho e a política.” (p. 247). Santos (2000) propõem que o território usado “é tanto o resultado do processo histórico quanto a base material e social das novas ações humanas” (p. 2). Assim, de acordo com Santos (2000) o conceito de território usado permitiria pensar as relações existentes entre o lugar, a formação sócio-espacial e o mundo.

O espaço, na ciência geográfica é produto da ação humana sobre o meio, logo, sua produção é permeada por relações de classe, gênero, raça e sexualidade, que devem ser consideradas pela Geografia. Segundo Reis:

Compreender as relações de gênero a partir de um viés geográfico é reconhecer o espaço como um produto de inter-relações, desde a interação do global até o intimamente pequeno, é enxergar o espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, na qual trajetórias distintas coexistem e estão em constante construção [...] Realizar uma análise geográfica do tecido social incorporando as teorias de gênero permite desvendar as manifestações espaciais e territoriais de diversos grupos sociais que por meio de suas práticas constroem diferentes espaços geográficos, pois o gênero é uma das relações estruturantes que situa o indivíduo no mundo. (REIS, 2015, p. 24).

De acordo com Silva e Ornat (2016) “estudos das relações de gênero como agentes importantes na produção do espaço, na Geografia brasileira é uma realidade que vem sendo consolidada desde meados dos anos 1980 e início dos anos 1990”. Apesar disso, a Geografia é pouco permeável às temáticas que extrapolam seu campo tradicional de observação.

Segundo Silva (2009) “as bases eurocêntricas, a permanência de sujeitos universais e o apego à expressão material do espaço são os elementos fundantes da impermeabilidade da perspectiva de gênero na Geografia” (SILVA, 2009, p. 89).

Porém, conforme relata Silva (2009):

A ausência de temas de gênero no discurso geográfico não se justifica simplesmente pela ausência das mulheres no exercício profissional, já que houve notória

feminização deste campo científico nas duas últimas décadas. Assim, para compreender a ausência das abordagens de gênero, mesmo frente à feminização do campo científico da Geografia, há necessidade de se contemplar as estruturas de poder decisório capazes de manter a seletividade das características da Geografia brasileira, ainda fortemente androcêntrica. (SILVA, 2009, p. 72-73).

Apesar das ausências e silêncios sobre os estudos de gênero na Geografia, esta temática, ainda que paulatinamente, tem sido inserida no pensamento geográfico brasileiro. Assim, conforme os estudos de Silva (2009):

Qualquer ciência que tenha como foco de análise as relações humanas deve ter em conta que a humanidade não é uniforme e que a diferença entre homens e mulheres é uma das principais categorias de análise. Além disso, as relações de gênero permeiam todas as sociedades, apesar das diferenças espaciais e temporais. (SILVA, 2009, p. 60).

A geógrafa Rosa Ester Rossini é uma das pioneiras dos estudos de gênero no Brasil. Tendo por um tempo uma trajetória “quase solitária” dentro da produção geográfica, como apontam Silva, Nabozny e Ornat (2010). Desde a década de 1980 Rossini vem pesquisando a área de Geografia e gênero, sobretudo em estudos que conferem as especificidades do trabalho feminino no campo, a divisão sexual e espacial do trabalho e subordinação feminina. Rossini apresenta uma perspectiva Marxista sobre a Geografia e gênero, o qual as mulheres exercem funções indispensáveis para a produção e reprodução da força de trabalho, garantindo a reprodução do capital.

Em relação à produção de pesquisas sob a ótica de gênero na Geografia brasileira, García (2004) ressalta:

[...] se uma década atrás Calió (1991) denunciava o caráter androcêntrico da geografia brasileira “distante do debate teórico que se instalou [...] nas Ciências Sociais a respeito da articulação entre classe e gênero” (p. 47), na atualidade essa distância tem sido superada no esforço que determinados Grupos de Pesquisa, no âmbito da Geografia, estão realizando no caminho da sistematização da discussão de Geografia e gênero no Brasil. (GARCÍA, 2004, p. 41).

Neste sentido, cabe destacar outras importantes contribuições de pesquisadoras e pesquisadores que desenvolvem vastos estudos sobre gênero na Geografia brasileira. São trabalhos precursores que buscam romper com a perspectiva hegemônica e androcêntrica na produção do pensamento geográfico¹. Podemos citar: Susana Maria Veleza da Silva da

¹ Segundo Rossini, mesmo “com todos os avanços há muita timidez na Geografia em relação aos estudos de gênero e, esperamos que as possibilidades de trabalho anunciadas pelos/as estudiosos/as do tema se espalhem por todas as universidades e grupos de pesquisa tornando-se uma realidade concreta no país e conquistando muito mais pessoas. Se em cada universidade tivesse uma Joseli Silva, um Márcio Ornat, uma Maria das Graças

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Joseli Maria Silva da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Sônia Calió da Universidade de São Paulo (USP), Marcio José Ornat da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Maria Franco García da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Antônio Thomaz Júnior da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Maria das Graças Silva Nascimento Silva da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Alides Baptista Chimin Junior da Universidade Estadual do Centro-Oeste. (UNICENTRO), entre outras (os).

Assim, o objetivo principal desta pesquisa é recuperar e discutir as contribuições de uma importante geógrafa, Rosa Ester Rossini para a historiografia da geografia brasileira através de um estudo biográfico associado à análise de sua produção intelectual e trajetória espacial, destacando a sua importante contribuição teórica, tangente a discussão e compreensão do espaço, a partir de estudos sobre as relações de gênero no campo do saber geográfico brasileiro.

A contextualização teórica desta pesquisa foi norteada em torno de levantamentos biográficos e documentais sobre a geógrafa em questão, e na análise das suas próprias obras que traçam a sua trajetória intelectual na Geografia brasileira. A intenção é estabelecer uma classificação da autora, levando em consideração o período vivido, seus vínculos familiares, sua base espacial, seu lugar de atuação, sua área de estudo e suas relações políticas e institucionais.

(Gracinha), uma Suzana, uma Sonia Calió, etc., o número de pesquisadores/as alcançaria os 4 dígitos (1000), o intercâmbio entre todas as pessoas poderia multiplicar e a contribuição científica e de pesquisa possibilitaria mudar a “face” das pessoas e das instituições, de modo que a equidade e a igualdade entre as pessoas e nas atividades seriam realidade concreta e não mais sonhada” (ROSSINI, 2016), apud (SILVA & ORNAT, 2016).

1 OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as narrativas pessoais e intelectuais de Rosa Ester Rossini na estruturação do campo científico de gênero na Geografia no Brasil, mediadas por sua trajetória espacial e temporal.

Dessa forma, esta pesquisa tem como proposta apresentar e desenvolver uma análise biográfica relacionada à trajetória espacial e produção intelectual da Rosa Ester Rossini, a fim de compreender as relações de gênero como componente da produção do espaço geográfico. A finalidade deste trabalho é investigar a produção intelectual da pesquisadora Rosa Ester Rossini, que estuda as questões de gênero na Geografia brasileira, a partir da década de 80 do século passado, vinculando as lutas de classe às desigualdades de gênero.

Objetivos específicos:

- a) Analisar os elementos biográficos que marcam o direcionamento da carreira acadêmica de Rosa Ester Rossini na ciência geográfica brasileira.
- b) Entender os caminhos de contribuição intelectual de Rosa Ester Rossini para o campo da geografia brasileira.
- c) Evidenciar as abordagens de gênero na trajetória intelectual de Rosa Ester Rossini.

2 METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa foram levantados diversos documentos para contextualizar e ilustrar os lugares de origem da geógrafa Rosa Ester Rossini, assim como as suas produções intelectuais.

Nesse sentido, esta proposta em termos de método procurou apresentar e desenvolver a biografia da geógrafa citada, a fim de relacionar a sua trajetória intelectual e espacial e suas contribuições para a Geografia brasileira.

Para o levantamento biográfico foi realizado uma entrevista com a geógrafa e foi consultado seu Memorial para professora Titular junto ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e seu currículo Lattes.

Paralelamente ao levantamento biográfico foram realizados levantamentos e análises da produção intelectual da geógrafa, livros e artigos importantes, salientando os contextos histórico-geográficos e os interesses políticos das suas produções, principalmente no que se refere aos estudos de gênero e desdobramentos dessa vertente no âmbito da ciência geográfica brasileira.

Para tal proposta de pesquisa, a metodologia desenvolvida, foi de resgatar e analisar a vasta literatura da Rosa Ester Rossini para avançar na identificação e análise das relações cotidianas de gênero, relacionadas aos espaços de atuação da mulher, a partir de uma pesquisa investigativa sobre: estudos que abordam as relações de gênero como variáveis dos processos de transformações do espaço e como construção social.

Esta pesquisa é resultado do projeto Dicionário dos Geógrafos Brasileiros (1890-2000), do Grupo de Pesquisa “Geografia Brasileira: História e Política” (GeoBrasil), localizado no Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob coordenação da Professora Doutora Mônica Sampaio Machado, que tem a finalidade de resgatar e valorizar a história e memória intelectual da Geografia brasileira, recuperando a contribuição de intelectuais envolvidos diretamente com a implementação e desenvolvimento da Geografia científica no Brasil desde os finais do século XIX até o final do século XX.

O objetivo central do projeto Dicionário dos Geógrafos Brasileiros (1890-2000) é de dar prosseguimento ao desenvolvimento de uma pesquisa investigativa, acerca da valorização e fortalecimento da história e memória da Geografia brasileira. Tem como metodologia resgatar e analisar a trajetória espacial, a produção intelectual de geógrafos e geógrafas do

Brasil, e suas contribuições no campo científico geográfico, a partir de levantamentos biográficos, bibliográficos, documentais e entrevistas.

Sobretudo, a finalidade desta investigação é, justamente, recuperar a contribuição de intelectuais, como a geógrafa Rosa Ester, oferecendo um estudo sistematizado da sua produção intelectual ao que se refere aos estudos das relações de gênero como um instrumento de análise do social que produz diferentes espaços geográficos.

Apresentação dos Capítulos:

O capítulo 1 “Trajetória histórico-espacial e território de vida de Rosa Ester Rossini” foi concebido com intuito de apresentar a contribuição da geógrafa Rosa Ester Rossini para a memória e história da Geografia brasileira, através de um estudo biográfico sistematizado associado à análise da sua trajetória espacial, vinculações políticas, institucionais, dos seus vínculos familiares, do seu lugar de atuação e da sua produção científica, destacando, principalmente, a sua importante contribuição teórica, e o pioneirismo nos estudos das questões de gênero na Geografia brasileira.

Desta forma a análise da trajetória da geógrafa em questão possibilitou localizá-la no tempo e no espaço para uma melhor compreensão de suas contribuições para a ciência geográfica.

O capítulo 2 “Trabalho e gênero nas obras de Rosa Ester Rossini” buscou apresentar uma análise dos estudos da geógrafa Rosa Ester Rossini que abordam a temática de gênero na Geografia, a partir da perspectiva do trabalho, sobretudo, os que tratam da divisão social e sexual do trabalho feminino.

De acordo com Rossini (1988), para entender a dinâmica da produção e reprodução do trabalho da mulher é importante associá-la ao espaço geográfico, uma vez que a divisão social e espacial do trabalho implica em divisão sexual do trabalho.

Desta forma, a partir da obra de Rossini, busca-se refletir especialmente os papéis sociais exercidos por homens e mulheres no interior das relações de trabalho, temática diretamente associada aos estudos relacionados ao gênero na Geografia.

A produção intelectual da pesquisadora em questão também percorre pela Educação Básica. Por conseguinte o capítulo 3 “Ensino, educação e gênero nas obras de Rosa Ester Rossini” discorre sobre um Guia prático para educadores e educadoras. O Guia “Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência foi elaborado em conjunto com outras professoras pesquisadoras do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de

Gênero (NEMGE) e a Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e Atividades Especiais (CECAE) da Universidade de São Paulo e discute o conceito de gênero, discernindo igualdade, equidade, preconceito e estereótipo de gênero. O documento também propõe sugestões de práticas pedagógicas a fim de promover a igualdade de gênero nas escolas.

3 TRAJETÓRIA HISTÓRICO-ESPACIAL E TERRITÓRIO DE VIDA DE ROSA ESTER ROSSINI

As considerações biográficas, a fim de apresentar a geógrafa e intelectual Rosa Ester Rossini e sua contribuição à Geografia brasileira, constituem a primeira parte desta pesquisa. Aqui, buscou-se demonstrar a associação entre a trajetória espacial da geógrafa e sua produção intelectual, dando particular atenção às suas vinculações políticas e institucionais.

Suas contribuições aos estudos geográficos se destacam, sobretudo, nos estudos de Geografia agrária, Geografia da população e Geografia e Gênero. Conforme será visto, grandes foram e tem sido seus esforços em estudar a divisão social e sexual do trabalho feminino, denunciando e demonstrando a exploração da força de trabalho da mulher. Temas de extrema relevância para as discussões sobre gênero no campo geográfico brasileiro, a partir da perspectiva do trabalho.

Figura 1: Rosa Ester Rossini



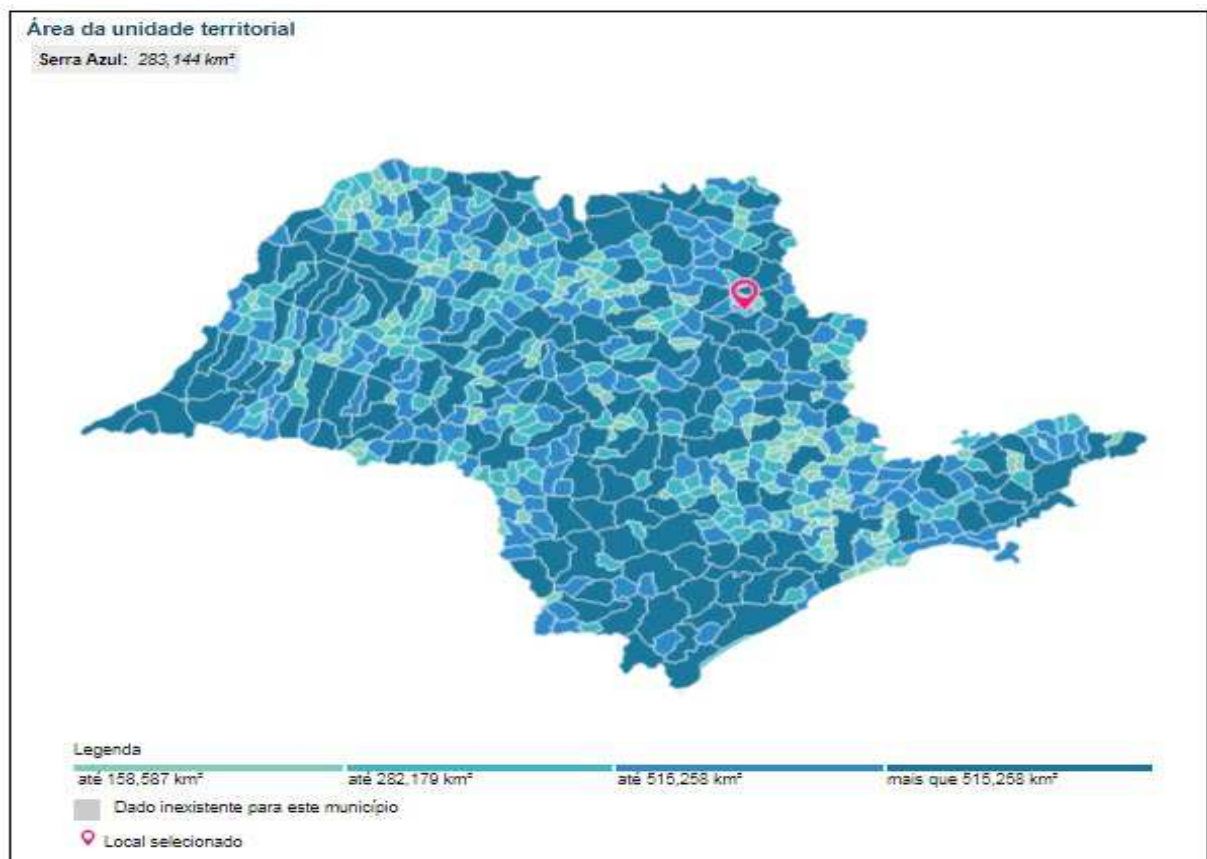
Fonte: A autora, 2019.

Com tudo, esses levantamentos biográficos e documentais da geógrafa têm como objetivo conhecer não apenas os laços familiares e filiações intelectuais, mas, sobretudo, as vinculações políticas, institucionais e espaciais da geógrafa, e sua contribuição para o campo científico geográfico do Brasil, mencionado anteriormente.

3.1 Rosa Ester Rossini seus primeiros 20 anos e a chegada à universidade

Rosa Ester Rossini nasceu em Serra Azul², pequeno município do estado de São Paulo, situado na região de Ribeirão Preto no dia 09 de outubro de 1941.

Figura 2: Serra Azul, município do estado de São Paulo



Fonte: IBGE, 2022.

² Município do estado de São Paulo. Área territorial: 283,144 km². População estimada em 2021: 15.292 pessoas. População no último censo 2010: 11.256 pessoas. Densidade demográfica 2010: 39,75 hab/km². Fonte IBGE, acesso em 2023 - <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/serra-azul/panorama>.

Descendente de imigrantes italianos, que migraram no final do século XIX diretamente para Serra Azul para trabalhar nas lavouras de café.

Em sua juventude, Rossini sonhava em se tornar professora e seu primeiro contato com a Ciência Geográfica foi a partir dos ensinamentos da sua *nonna*³, ainda criança.

Uma felicidade foi ter a *nonna* que tive. Porque a *nonna* foi a pessoa que me despertou para a Geografia, porque ela me levava para buscar lenha e explicava o nome e a importância de cada lenha para o fogão. Essa lenha queima mais rápido, essa mantém o calor por mais tempo, essa é para começar ascender o fogo e assim põe um fecho na cabeça da gente. A *nonna* também me levava para visitar as amigas dela. E aí eu ficava ouvindo as conversas das italianas e observando as atividades que elas realizavam. Então essas coisas me levaram a trabalhar com a questão de gênero porque eu sempre via a mulher sendo pouco olhada, tendo pouca atenção, mas ao mesmo tempo essa pouca atenção permitiu, que nós mulheres de baixa renda, despertasse para a luta de conquistar “um lugar ao sol”. Porque a família não ia dizer não, porque não estava preocupada com você. Eu venho de uma família de italianos, então estavam preocupados com o filho *maschio*⁴. Exatamente! Os olhos da família estão voltados para os homens e quando as mulheres querem, elas fazem o que quer. Então na minha casa eu nunca perguntei se eu podia fazer eu sempre dizia que estava fazendo. Isso foi muito interessante para a minha trajetória. (ROSSINI, 2019- ENTREVISTA CONCEDIDA)⁵.

Quando seus pais começaram a trabalhar como serventes no Grupo Escolar de Serra Azul, o convívio com os professores e o apoio de Antonietta de Mattos Guaryannas Taveiros, então diretora do Grupo escolar de Serra Azul, selou a sua carreira de estudante, ampliando o desejo de Rosa Ester Rossini de ser professora.

Em 1952 concluiu os estudos no Grupo Escolar de Serra Azul e antes de completar 11 anos de idade, e muito determinada, iniciou um cursinho de admissão, a fim de se preparar para o ingresso no curso ginásial. Seguindo o exemplo do irmão mais velho, no ano seguinte, Rosa Ester Rossini foi aprovada no exame de admissão e ingressou no curso ginásial em São Simão onde conheceu o professor de Geografia James Noronha de Souza, formado pela Universidade de São Paulo (USP), que exerceu enorme influência sobre Rosa Ester Rossini, que além de ser professora normalista, também decidiu estudar para se tornar professora de Geografia, algo considerado ousado para a época.

Esta decisão, surpreendente e assertiva lhe renderam alguns “beliscões” de sua mãe que não acreditava na possibilidade de que a filha de serventes do Grupo Escolar de Serra

³ Significa avó, vovó em italiano. Fonte: dicionário Michaelis (<https://michaelis.uol.com.br/escolar-italiano/busca/italiano-portugues/nonna/>).

⁴ Significa macho, menino, filho em italiano. Fonte dicionário Michaelis (<https://michaelis.uol.com.br/escolar-italiano/busca/italiano-portugues/maschio/>).

⁵As informações biográficas sobre Rosa Ester Rossini tiveram como fontes seu Memorial de concurso para professora titular, seu currículo Lattes, bem como uma entrevista por ela concedida em 2019.

Azul se tornasse professora de ginásio, visto que nenhuma mulher na cidade de Serra Azul tinha ido além do Curso Normal.

Rossini fez o ginásio viajando diariamente para a cidade vizinha. No decorrer do trajeto que realizava entre Serra Azul e São Simão observava as paisagens e suas diferenciações e assim crescia o desejo de compreender os processos que as constituíam.

Segundo seu professor James Noronha de Souza, a Geografia era a ciência que poderia responder a muitas de suas indagações.

No ano de 1958 iniciou o Curso Normal no Ensino Secundarista no Ginásio Otoniel Mota em Ribeirão Preto. Foi uma das decisões mais acertadas e sua vida mudou completamente. Com ajuda financeira dos seus pais decidiu morar em uma pensão mista, onde fez amigas que contribuíram na sua trajetória escolar.

Durante os três anos que morou em Ribeirão Preto deu aulas particulares para crianças da Escola de Aplicação do Otoniel Mota para diminuir as despesas da família. Também se destacou como jogadora de basquete e a sua participação em campeonatos estaduais foi importante para garantir uma renda para terminar o Ensino Secundário.

No final do ano de 1960 se tornou professora normalista. Realização e concretização de um sonho para a sua família. Porém, Rossini não desistiu da ideia de ser professora de Geografia e decidiu ir mais adiante e foi morar na cidade de São Paulo para fazer cursinho preparatório para ingressar no Ensino Superior.

Em 1961 prestou vestibular para Geografia na Universidade de São Paulo (USP), onde conheceu o Professor José Ribeiro de Araújo Filho, que posteriormente viria a ser seu orientador de Mestrado e Doutorado. Neste mesmo ano se tornou associada na seção local de São Paulo da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), que juntamente com o Departamento de Geografia, de acordo com a futura geógrafa, foram a sua escola de aprendizado.

Em 1963 tornou-se participante ativa da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), seção São Paulo, bem como a AGB Nacional, e no mesmo ano passou a estagiar junto aos professores Maria Alice dos Reis Araújo e José Bueno Conti, no Instituto Geográfico e Geológico. Foi auxiliar de pesquisa, no recém criado Instituto de Geografia, a convite dos professores Aroldo de Azevedo e Pasquale Petrone para contribuir com o trabalho que estudava "O abastecimento da cidade de São Paulo em produtos hortifrutigranjeiros". No mesmo ano começou a ensinar geografia no Colégio Estadual Antônio Raposo Tavares, em Osasco.

3.2 Rosa Ester Rossini, o ensino e a pesquisa

Rosa Ester Rossini concluiu a licenciatura e o bacharelado em Geografia em 1964, na USP.

Figura 3: Rosa Ester Rossini - Colação de Grau – 1964



Fonte: CAPH- Projeto Memória da FFLC/FFLCH-USP *apud* CORRÊA, 2017.

Em 1965, ano mais importante do ponto de vista profissional, Rosa Ester Rossini, a convite do professor Pasquale Petrone assumiu as aulas de Geografia, no recém criado curso normal do Colégio Dante Alighieri. Neste mesmo ano foi professora em importantes instituições como Sedes Sapientiae da Pontifícia Universidade Católica (PUC) convidada pelas Cônegas de Santo Agostinho. Também foi solicitada para ensinar Geografia na Faculdade São Bento. Anos posteriores foi Coordenadora do Departamento de Ciências Sociais da PUC. Ainda no ano de 1965 foi aprovada e classificada em primeiro lugar no concurso público para professora no Ensino Oficial do Estado de São Paulo.

Sob a orientação do Professor José Ribeiro de Araújo Filho iniciou o Mestrado em Geografia na Universidade de São Paulo em 1967. Conviveu e aprendeu com os grandes nomes da geografia: Pierre Monbeig, Philippe Pinchemel, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, André Libault, Michel Rochefort, Aziz Ab'Saber, Pierre George, Milton Santos entre outros.

A primeira viagem de avião e internacional de Rosa Ester Rossini foi para Sèvres, na França, no final do ano de 1967, junto de outros brasileiros, para participar de um estágio sobre didática da Geografia. Aprendeu técnicas de ensino e ao retornar para o Brasil assumiu as aulas de Prática de Ensino de Geografia e a coordenação de Geografia do Colégio de Aplicação do Sedes Sapientiae.

Ingressou como professora do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP em 1970. Concluiu em 1971 sua dissertação de Mestrado intitulada "Serra Azul, o homem e a cidade", pesquisa inédita sobre o tema relativo aos trabalhadores volantes e migrantes na Geografia da USP.

Subsequente a defesa de dissertação, Rosa Ester Rossini recebeu o convite da professora Terezinha Fram para trabalhar na Secretaria de Educação, coordenando o projeto denominado "Caracterização Socioeconômica dos Municípios do Estado de São Paulo". Este trabalho foi realizado de 1971 a 1974 e contou com a colaboração, na ocasião, dos(as) estudantes Ana Fani Alessandri, Amélia Luiza Damiani, Tânia Bondezan, Lúcia Araújo Marques, Adalberto Leister, Nelson Bacic Olic e a professora Nice Lecocq Müller.

Rosa Ester Rossini teve como base para construir o projeto do seu doutorado, o material, vinculado ao estudo da população, produzido no decorrer do projeto "Caracterização Socioeconômica dos Municípios do Estado de São Paulo". E, influenciada pelo trabalho de Elza Keller, pioneira sobre os estudos de população no Brasil, e envolvida com as leituras dos trabalhos de Pierre George e Jacqueline Beaujeu-Garnier, ambos da escola francesa de Geografia, e também José Francisco de Camargo, a pesquisadora Rosa Ester Rossini se

tornou uma das primeiras geógrafas brasileiras a discutir os temas vinculados ao forte êxodo rural como, por exemplo, a concentração da população volante nas periferias das cidades, que retornava diariamente para o trabalho no campo, pois era um fenômeno novo.

Em 1975, sob orientação do professor José Ribeiro de Araújo Filho, defendeu a tese “Contribuição ao estudo do êxodo rural no estado de São Paulo” e obteve o título de Doutora pela USP. Participaram da banca os professores Pasquale Petrone, Wanda Silveira Navarra, José de Souza Martins e Fernando Salgado.

No final deste mesmo ano, no aniversário de Serra Azul, sua cidade natal, Rosa Ester Rossini foi escolhida para ser homenageada e representar, em sua pessoa, todas as mulheres da cidade em virtude do Ano Internacional da Mulher e porque também fora a primeira mulher daquele município a cursar o Ensino Superior e fazer carreira universitária.

Neste período, Rosa Ester Rossini já caminhava para se consolidar como uma das principais referências na área de Geografia da População. Assim sendo, passou a participar do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU), onde abriram novas perspectivas para seus estudos, junto com as pesquisadoras/professoras Eva Blay, Lia Fukui e Maria Isaura Pereira de Queirós.

A professora Maria Luíza Marcílio, pioneira nos estudos de demografia histórica no Brasil, foi uma grande referência para Rosa Ester Rossini. A professora citada possibilitou inúmeros intercâmbios à Rosa Ester Rossini que, neste período, foi para o México participar da mesa redonda intitulada “Relações entre a Marcha da Ocupação do Estado de São Paulo e o Café” no prestigioso Congresso da União Internacional para o Estudo Científico da População (IUSSP). Por sugestão da mesma colega participou, em 1979, da criação da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP) e foi tesoureira durante o biênio 1980-82. Nesta mesma época, assumiu a direção da AGB, seção São Paulo bem como participou do Conselho Diretor da AGB Nacional.

No campo Geografia da População, a geógrafa participou como membro efetiva por duas gestões da Comissão de Geografia da População da União Geográfica Internacional (UGI), entre 1980-1984 e 1984-1988, indicada pela professora Elza Keller.

3.3 Rosa Ester Rossini, Geografia e gênero

Em função da vinculação com a Comissão de Geografia da População participou da criação do Grupo de Trabalho da UGI sobre Geografia e Gênero, que possibilitou nova frente de envolvimento, novas abordagens e ousadia, visto que a mulher até o momento não era uma categoria de análise na ciência geográfica.

Rosa Ester Rossini iniciou a primeira pesquisa sobre Geografia e gênero, e o fio condutor para a integração dos estudos de gênero na ciência geográfica foi através da categoria trabalho, assim foi possível aprofundar a sua pesquisa sobre a realidade das mulheres trabalhadoras no corte da cana-de-açúcar.

Em 1985, por iniciativa da professora Eva Blay, foi criado o Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEMGE), grupo de docentes e pesquisadoras da Universidade de São Paulo, que visa aprofundar-se, através de pesquisa empírica e estudos teóricos, as articulações entre gênero, etnia e classe social, especialmente no Brasil e na América Latina, do qual Rosa Ester Rossini fez parte desde o início.

De 1984 a 1988 foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da USP. Durante este período coordenado por Rosa Ester Rossini, o Departamento se beneficiou com a vinda de importantes geógrafos, como Manuel Correia de Andrade e Pedro Pinchas Geiger e também de professores e pesquisadores com importante atuação na Geografia, como também nas Ciências Humanas em geral, tais como, Jean P. Damais, Daniel Noin, Alain Lipietz, da França, os professores Carlos Carreras e Eugênio Garcia Zarza, da Espanha, a professora Maria Nazaré Roca, da Iugoslávia.

Em 1988, Rosa Ester Rossini defendeu sua tese de Livre-Docência intitulada “Geografia e Gênero: a mulher na lavoura canavieira paulista”. Participaram da banca os professores José Ribeiro de Araújo Filho (presidente), Milton Santos, Manuel Correia de Andrade, Antonio Olívio Ceron e Lêda Maria Pereira Rodrigues. A tese de Livre-Docência abordou o aumento da participação da mulher na força de trabalho no campo, verificando entre outros aspectos, como era a sobrevivência das famílias, onde pelo menos uma mulher, empregava a sua força de trabalho na agricultura canavieira do estado de São Paulo. O objetivo específico desta tese é demonstrar que o desenvolvimento capitalista no campo acelerou, entre outros aspectos, o processo de migração e integrou a mulher, mais ainda, na força de trabalho, agora na condição de assalariada permanente ou temporária, concorrendo

para uma nova fase de (re)produção do espaço. Neste momento surge o prenúncio da mudança do papel da mulher no trabalho e na sociedade.

Pesquisou também, sobre relações de trabalho das operárias da indústria têxtil em São Paulo e nos anos de 1990, sem abandonar a temática, introduziu novos temas como as questões urbanas, a saúde, os movimentos migratórios e os direitos reprodutivos.

Uma das grandes realizações e consagrações profissionais ocorreu ainda em 1988. Rosa Ester Rossini foi indicada pela comunidade geográfica para representar a Geografia junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O Conselho Deliberativo aprovou a indicação e Rosa Ester Rossini foi nomeada para ser a Assessora de Geografia Humana e Regional. Além disso, desde 1989, participa como membro dos Comitês de Assessores como representante da Área de Ciências Humanas e Sociais do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Como tal, de modo incessante, tem percorrido o Brasil, principalmente as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, a fim de fortalecer o programa supracitado no âmbito das instituições de Ensino Superior do país.

Em 1991 se tornou professora Titular do Departamento de Geografia da USP. Também neste período, foi integrante do Laboratório de Geografia Política, Planejamento Territorial e Ambiental (LABOPLAN) no qual participou com os professores Milton Santos, Armen Mamigonian, Maria Adélia Aparecida de Souza e Maria Regina Sader em inúmeros estudos e pesquisas. Participou também por várias vezes da coordenação do LABOPLAN, até se aposentar, após 44 anos de dedicação ao Departamento de Geografia da USP.

Rosa Ester Rossini coordenou uma pesquisa sobre igualdade de gênero na escola, no contexto do convênio celebrado entre o Ministério da Educação e do Desporto (MEC) e a USP, pela sua Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e Atividades Especiais (CECAE). O Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEMGE) foi convidado a participar do Programa Nacional de Atenção Integral Criança e ao Adolescente (PRONAICA) para estudar a questão de gênero nas propostas, conteúdos programáticos e ensino nas salas de aula dos Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAICs) do Estado de São Paulo, e a oferecer sugestões ao/às professores/as no que diz respeito a este tema. Deste trabalho, tendo também como autoras as professoras Rochelle Saidel, Sonia Calió e Isamara Lima de Jesus resultou, em 1996, na publicação do guia “Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na Infância e Adolescência: Guia Prático para Educadores e Educadoras”, que causou grande repercussão nos mais importantes meios de comunicação do país.

Em 2006, na comemoração dos 10 anos da 1ª edição, foi lançado a 2ª edição revista e ampliada. Em 2005 recebeu a maior honraria na área científica do país. Foi condecorada, pelo Ministério da Ciência e Tecnologia do Governo Federal, com a Ordem Nacional do Mérito Científico, na condição de Comendadora. É relevante destacar que no Departamento de Geografia da USP, além de Rosa Ester Rossini, até o presente momento, apenas Milton Santos detinha este título e no Brasil pouquíssimos geógrafos foram agraciados com tamanha honraria.

Recebeu inúmeras homenagens pela dedicação, desde 1989, ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e diversos prêmios e homenagens de instituições renomadas por seu pioneirismo na Geografia brasileira, sobretudo por ter sido a precursora dos estudos de gênero na Geografia brasileira.

Em 2011 foi homenageada, durante o “I Seminário Latino-Americano de Geografia e Gênero: Espaço, Gênero e Poder - Conectando Fronteiras”, por ter sido pioneira nos estudos de gênero na Geografia brasileira. Em 2012, foi agraciada, pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), com a medalha da Imperatriz Leopoldina por seus inúmeros contributos para as discussões de gênero. E no mesmo ano recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal de Rondônia.

Igualmente em 2015 o título Doutora Honoris Causa pela Universidade Estadual do Ceará e Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Piauí.

Figura 4: Cerimônia de concessão do título de "Doutora Honoris Causa



Fonte: UFPI TV, 2015.

A cerimônia de concessão do título de "Doutor Honoris Causa" a Professora Dra. Rosa Ester Rossini, foi realizada no Cine Teatro da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e contou com a presença do Reitor Prof. Dr. Arimatéia Dantas Lopes, da Vice-Reitora Prof.^a Dr.^a Nadir Nogueira, Conselho Universitário, superintendentes, docentes da UFPI, diretores de centros, além de ex-alunos, amigos da homenageada e estudantes.

Em 2014 foi homenageada pelo CNPq na página, Pioneiras da Ciência do Brasil - 4ª Edição.

Figura 5: Pioneiras da Ciência



Fonte: CNPQ, 2022

O projeto Pioneiras da Ciência, parceria do CNPq com a Secretaria de Política para as Mulheres, no âmbito do Programa Mulher e Ciência, tem como proposta tornar visível a história das mulheres pesquisadoras que participaram e contribuíram de forma relevante para o desenvolvimento científico e para a formação de recursos humanos para a ciência e tecnologia no Brasil.

O projeto aborda a importância de escrever a história das mulheres brasileiras cientistas e também a importância de reconhecer que a participação feminina foi e é fundamental para o avanço do conhecimento.

O pioneirismo de diversas mulheres cientistas, a partir da notoriedade de suas produções científicas teve um importante papel no campo do saber, cada uma nas suas respectivas áreas do conhecimento.

Pioneiras da Ciência além de divulgar as histórias de mulheres cientistas, apresenta as suas trajetórias intelectuais, atribuindo créditos às suas destacadas colaborações e permitindo melhor compreensão sobre a história da ciência e tecnologia no Brasil.

Seguindo uma linha do tempo, a partir dos anos 1920, já foram selecionadas sete edições de mulheres cientistas.

Até o presente momento, no portal das Mulheres Pioneiras constam, três geógrafas, além de Rosa Ester Rossini, Bertha Becker na 2ª edição e Maria Adélia Aparecida de Souza na 7ª edição.

Rosa Ester Rossini aposentou-se em 2008, entretanto, a sua trajetória não encerrou. Atualmente continua sendo Pesquisadora 1A do CNPq com o projeto “Geografia e Gênero: as novas e velhas dinâmicas no campo brasileiro com ênfase na expansão da cana-de-açúcar no século XXI”. Possui vínculo institucional junto ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo como Professora Titular Aposentada Sênior, sem remuneração. Compõe o conselho editorial de dezenas de periódicos científicos e orienta estudantes em nível de Pós-Doutorado, Doutorado, Mestrado, Graduação e Iniciação Científica. E é autora de dezenas de artigos científicos publicados em periódicos de grande impacto científico (nacional e internacional) bem como de capítulos de livros.

Por fim, anexando aos engajamentos de uma vida inteira, há um novo projeto em andamento. Rosa Ester Rossini está recuperando o cerrado em sua chácara em Serra Azul. Já plantou mais de 100 mudas do cerrado⁶ com o objetivo de transformar a chácara em um laboratório de pesquisa para as crianças das escolas de Serra Azul e seu entorno.

Desta forma, "sonhar é possível. Viver é mudar e variar pensando sempre no social, na perspectiva de colaborar para com que os jovens acreditem no futuro, como eu sempre acreditei, e transformem o sonho em uma realidade concreta". (ROSSINI, 2015).

A notória e significativa trajetória de Rosa Ester Rossini é algo incontestável. A geógrafa em questão é de grande prestígio e relevância para a ciência geográfica brasileira, sobretudo o seu pioneirismo nos estudos de Geografia e gênero no Brasil.

⁶ O Cerrado é um dos biomas do Brasil, cobrindo aproximadamente 25% do território nacional. É a segunda maior formação vegetal do país, após a Floresta Amazônica, concentrando-se principalmente no Planalto Central brasileiro. Fonte: (<https://www.icmbio.gov.br/cbc/conservacao-da-biodiversidade/biodiversidade.html>)

Figura 6: Rosa Ester Rossini - ENANPEGE, 2019.



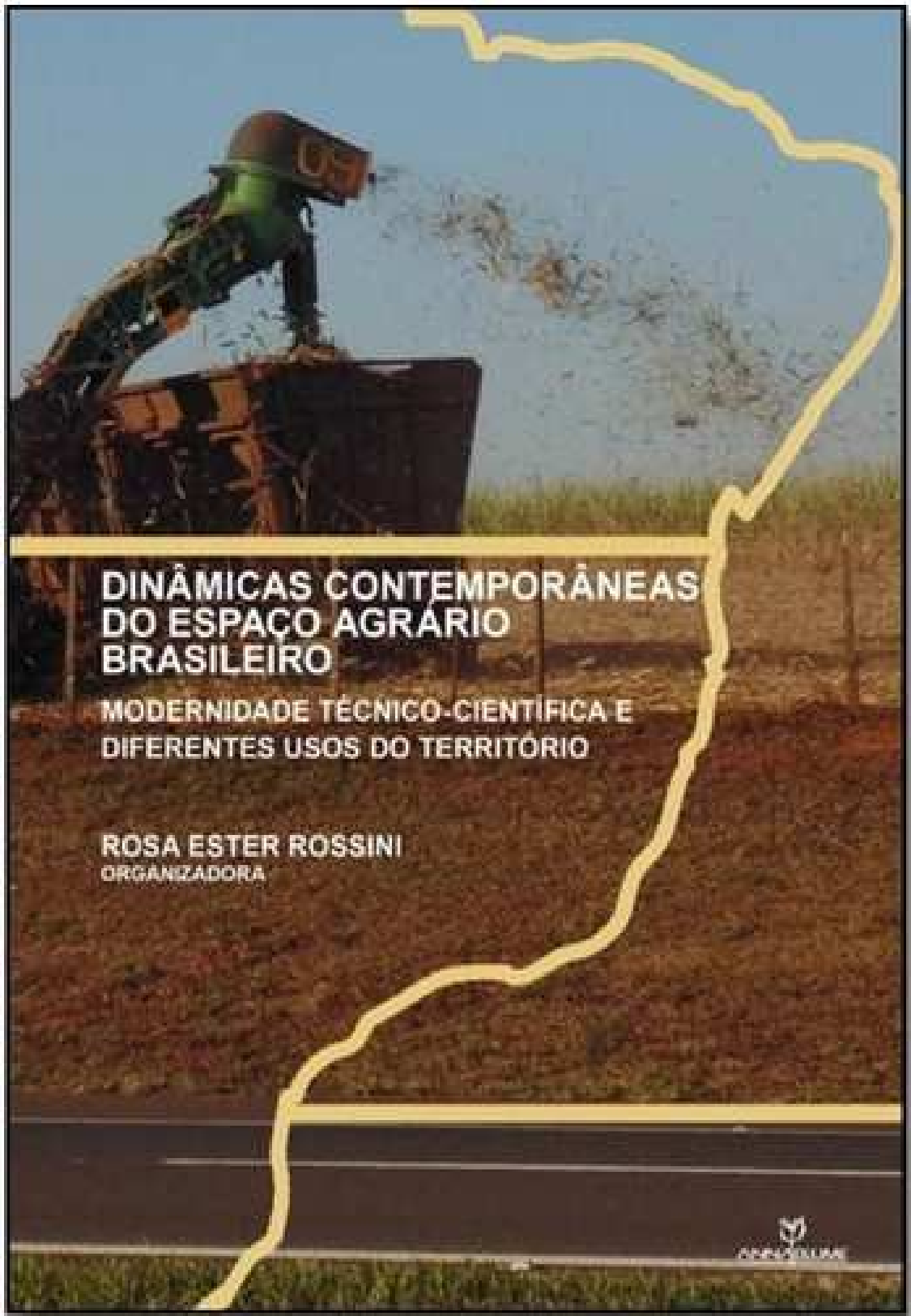
Fonte: A autora, 2019.

3.4 Produção científica de Rosa Ester Rossini

Quadro 1 - Livros Publicados			
Título	Ed. / Ano	Local de Publicação	Editora
Dinâmicas contemporâneas do espaço agrário brasileiro: modernidade técnico-científica e diferentes usos do território	1ª ed. 2016	São Paulo	Annablume

Fonte: Currículo Lattes / Plataforma de dados do CNPq; Elaboração Camila Gomes Alves, 2022.

Figura 7: Livro “Dinâmicas contemporâneas do espaço agrário brasileiro”



Fonte: ROSSINI, 2016.

Sinopse do Livro: Estudar o Brasil por meio de uma leitura focada na produção da cana-de-açúcar é, sem dúvida, um olhar privilegiado para entender não apenas a história, mas também a dinâmica atual da formação socioespacial do país. As múltiplas transformações em curso criam novas problemáticas territoriais ou renovam as já existentes. Este livro é composto por diferentes artigos que oferecem ao público um panorama contemporâneo sobre a força de trabalho, as novas tecnologias, os eixos de expansão e os novos caminhos da cana-de-açúcar no Brasil. Aborda ainda outras experiências, de atores sociais dedicados a diferentes culturas agrícolas e a outros afazeres no campo brasileiro. A obra dá particular ênfase à relação existente entre a geografia e questões de gênero, no intuito de aprofundar o debate sobre a luta pela sobrevivência de homens e mulheres trabalhadores na lavoura canavieira. Sob a orientação científica da Prof^{ra} Dr^a Rosa Ester Rossini, nove autores apresentam suas contribuições neste livro.

Quadro 2: Capítulos Publicados em Livros (continua)

Capítulos Publicados em Livros				
Título do livro	(orgs.)	Ed. / Cidade / Ano	Editora	Título do Capítulo
Territórios em Risco	Vitória Régia Fernandes Gehlen; Helena Lúcia Augusto Chaves; Marx Prestes Barbosa	1 ed. Recife 2015	UFPE	A extração da renda da terra no território dos assentados da reforma agrária federal (ROSSINI e MACHADO)
Intersecção de gênero na Amazônia	Iraildes Caldas Torres; Fabiane Vinente dos Santos	1 ed. Manaus 2011	EDUA	Amazônia brasileira: gênero e meio ambiente (ROSSINI e CALIÓ)
Costurando com fios invisíveis: a fragmentação do território rural	Vitória Régia Fernandes Gehlen; Pilar Carolina Villar Lainé	Recife 2012	UFPE	Interligação do rural-urbano e desenvolvimento sustentável
Geografia e Migração: movimentos, territórios e territorialidades	Eliseu Savéria Sposito; Denise Cristina Bomtempo; Adriano Amaro de Souza	1 ed. São Paulo 2010	Expressão Popular	Identidade e paisagem: o enraizamento dos dekasseguis do Brasil no Japão (ROSSINI e GEHLEN)

Quadro: 2 Capítulos Publicados em Livros (continuação)

Leituras de Resistência. Corpo, violência e poder	Carmen Susana Tornquist; Clair Castilhos Coelho; Mara Coelho de Souza Lago; Teresa Kleba Lisboa	Florianópolis 2009	Mulheres	Gênero e Meio Ambiente na Amazônia Brasileira (ROSSINI e CALIÓ)
Linguagens Plurais - Cultura e Meio Ambiente	Temis Gomes Parente; Hilda Gomes Dutra	Tocantins 2008	Edusc	Gênero e Meio Ambiente: mulher, justiça ambiental e desenvolvimento sustentável (ROSSINI e CALIÓ)
América Platina: textos escolhidos.	Antonio Carlos do Nascimento Osório; Jacira Helena do Valle Pereira; Tito Carlos Machado de Oliveira	v. 1 Campo Grande 2008	UFMS	Análise do mercado de trabalho feminino no Brasil e na Bolívia
América Latina: cidade, campo e turismo	Amália Inês Geraiges de Lemos; Mônia Arroyo; Maria Laura Silveira.	1 ed. Buenos Aires e São Paulo 2006	CLACSO USP	O trabalho da mulher na agricultura canieira altamente tecnicada e capitalizada - São Paulo - Brasil
Desafios da Comparação. Família, Mulheres e Gênero em Portugal e no Brasil	Anne Cova, Natália Ramos e Teresa Joaquim.	1ed. Oeiras 2004	Celta	A luta das mulheres brasileiras por igualdade, equidade de gênero e cidadania
Populações: (con)vivência e (in)tolerância	Eni de Mesquita Samara	1ed. São Paulo 2004	Humanitas	Superando a discriminação: mulher e trabalho na modernidade tecnológica no Brasil
Na Estrada do Anhanguera. Uma visão regional da história paulista	Carlos de Almeida Prado Bacellar; Lucila Reis Brioschi	1ed. São Paulo 1999	Humanitas	Internacionalização e Modernização: os anos 60 a 80

Quadro 2: Capítulos Publicados em Livros (conclusão)

O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo	Maria Adélia Aparecida de Souza	São Paulo 1996	HUCITEC	O Mundo Mudou. Brasil, País de Emigração (O Exemplo do Nikkeis Para O Japão)
O Novo Mapa do Mundo - Globalização e Espaço Latino-americano	Milton Santos; Maria Adélia Aparecida de Souza	São Paulo 1993	HUCITEC	Os "Dekasseguis" do Brasil à Procura do Eldorado Japonês

Fonte: Currículo Lattes / Plataforma de dados do CNPq; Elaboração Camila Gomes Alves, 2022

Quadro 3: Artigos Publicados em Periódicos (continua)

Artigos Publicados em Periódicos			
Título	V. / Ano	Local de Publicação	Revista/Periódico
A “expansão do agronegócio no Brasil”: um dossiê composto por olhares diversos. SAMPAIO, M. A. P. ; GIRARDI, E. P.; ROSSINI, R. E.	2020	Paris	CONFINS
Geografia e gênero: a modernidade técnico científica na agricultura canavieira paulista eliminou quase toda a força de trabalho de homens e de mulheres no talhão – Macro Área de Ribeirão Preto (SP)	2019	São Paulo	ENANPEGE
As sofisticadas colheitadeiras de cana-de-açúcar engoliram o trabalho de homens e mulheres na agricultura da macro-área de Ribeirão Preto - SP (Brasil) - 1977-2018 ROSSINI, R. E. SANTOS, A. L. SAMPAIO, M. A. P.	v. 1, 2018	São Paulo	Boletim Paulista de Geografia
O rural e o urbano/a cidade e o campo: suas relações com a força de trabalho e com a terra no estado de São Paulo e no Brasil de ontem e de hoje	v. 2, 2017	Recife	Revista Rural & Urbano

Quadro 3: Artigos Publicados em Periódicos (continuação)

Breve história de uma pesquisa: avanços técnicos e retrocessos sociais na lavoura canavieira paulista	v. 8, 2015	Rio Grande	CaderNAU
Geografia e Gênero: Recuperando a memória de uma pesquisa sobre a força de trabalho na agricultura canavieira na macro-área de Ribeirão Preto (SP-Brasil) 1977-2008	v. 1, 2010	Ponta Grossa	Revista Latino-americana de Geografia e Gênero
A produção do novo espaço rural: pressupostos gerais para a compreensão dos conflitos sociais no campo	v. 4, 2009		Campo – Território: revista de geografia agrária
A memória congelada do imigrante: a solidariedade intergeracional dos japoneses e dos nikkeis no Brasil e no Japão atual	v. 19, 2005	São Paulo	São Paulo em Perspectiva
Os dekasseguis do Brasil foram para o Japão e lá estão criando raízes	v. 14, 2003	São Paulo	GEOUSP - Espaço e Tempo
Nas atividades econômicas a modernidade tecnológica exclui homens e mulheres. Incorpora mais a mulher na cidade e menos no campo.	v. 12, 2002	São Paulo	GEOUSP - Espaço e Tempo

Quadro 3: Artigos Publicados em Periódicos (conclusão)

As Geografias da modernidade - Geografia e gênero - mulher, trabalho e família. O exemplo de Ribeirão Preto – SP	1998	São Paulo	Revista do Departamento de Geografia - USP
ROSSINI, R. E.; SAIDEL, R. G. ; CALIÓ, S. A. ; JESUS, I. L. Guia Prático Sobre Ensino e Educação Com Igualdade de Gêneros	1996	São Paulo	Revista Comunicação e Educação
A população brasileira: trabalhar e sobreviver	1994	São Paulo	Revista do Departamento de Geografia - USP
Woman As Labor Force In Agricultural: The Case Of The State Of Sao Paulo – Brazil	v. 20, 1983		Studi Emigrazione
Geografia e Gênero: A Mulher Como Força de Trabalho no Campo	v. 23, 1993	São Paulo	Informações Econômicas

Fonte: Currículo Lattes / Plataforma de dados do CNPq; Elaboração Camila Gomes Alves, 2022

Quadro 4: Projetos de Pesquisa (continua)

Projetos de Pesquisa		
Título	Ano	Instituição
Geografia e Gênero: a modernidade técnico-científica na agricultura canavieira da macroárea de Ribeirão Preto: SP eliminou boa parte da atividade de homens e mulheres no trabalho do corte de cana. Pergunta-se, para onde foram e o que fazem?	2020 – Atual	USP
Geografia e Gênero: trabalho e produção no campo brasileiro - competitividade econômica e resistência no século XXI	2017 – 2020	USP
Geografia e Gênero: queimando mulheres e homens no trabalho de corte da cana e esquentando as máquinas nos canaviais da macro-área de Ribeirão Preto (SP)	2015 – 2020	USP
Geografia e Gênero: as novas e velhas dinâmicas no campo brasileiro com ênfase na expansão da cana-de-açúcar no século XXI	2012 – 2015	USP
Geografia e Gênero: A força de trabalho na expansão e nos novos caminhos da cana-de-açúcar no Vale do Rio Pardo - São Paulo - Brasil, no início do século XXI (2000 - 2012)	2010 – 2015	USP
Geografia e Gênero: a força de trabalho, as novas tecnologias, a expansão e os novos caminhos da cana-de-açúcar no Brasil	2010 – 2013	USP

Quadro 4: Projeto de Pesquisa (conclusão)

Geografia e Gênero A Força de Trabalho Feminina no Agro-paulista. O Exemplo da Agricultura Canavieira na Macro-área de Ribeirão Preto (SP)	2009 – 2011	USP
As Geografias da Modernidade: Geografia e Gênero - Família e Trabalho. 30 anos Pesquisa no Agro-paulista. O exemplo da agricultura canavieira na Macro-Área de Ribeirão Preto (SP)	2008 – 2010	USP
Geografia e Gênero: A força de Trabalho Feminina no Agro-Paulista. O Exemplo da Agricultura Canavieira na Macro-Área de Ribeirão Preto (SP)	2008 – 2010	USP
Geografia e Gênero - Migrações Internacionais	2007 – 2010	USP
Geografia e Gênero - Família e Trabalho	2003 – 2007	USP
Território e sociedade: as geografias da modernidade	1992 – 1996	USP

Fonte: Currículo Lattes / Plataforma de dados do CNPq; Elaboração Camila Gomes Alves, 2022

4 TRABALHO E GÊNERO NAS OBRAS DE ROSA ESTER ROSSINI

Esta parte da pesquisa busca apresentar uma análise sobre os estudos da geógrafa Rosa Ester Rossini que abordam a temática de gênero na Geografia, principalmente, os que tratam da divisão sexual e espacial do trabalho e da subordinação feminina. Desta forma, busca-se refletir espacialmente os papéis sociais exercidos por homens e mulheres e no interior das relações de trabalho.

Dentre os artigos listados no quadro 3 deste trabalho, três foram escolhidos, tendo como principal recorte espacial a macroárea de Ribeirão Preto ao longo de mais de 30 anos de pesquisa da geógrafa Rosa Ester Rossini, a fim de apresentar a contribuição teórica, tangente a discussão e compreensão do espaço, a partir de estudos sobre as relações de gênero no campo do saber geográfico.

Então, à vista disso, este capítulo tem como finalidade apresentar os seguintes artigos selecionados da Rosa Ester Rossini: “Geografia e gênero: a mulher como força de trabalho no campo” de 1993; “Mulheres e homens na força de trabalho na agricultura. O exemplo da macroárea de Ribeirão Preto-SP (1977-2006)” e “Geografia e gênero: a força de trabalho feminina começa a ser incorporada pela modernidade tecnológica na agroindústria canavieira na macroárea de Ribeirão Preto” de 2015. Assim, serão discutidas, e aprofundadas as principais temáticas e caminhos teóricos-metodológicos desenvolvidos pela autora, a fim de compreender e detalhar como a autora aborda as discriminações e desigualdades entre homens e mulheres na esfera do trabalho, assim como as relações sociais que se estabelecem na produção e reprodução do espaço.

Em síntese, a autora apresentou reflexões sobre o conceito de gênero sob a perspectiva geográfica, principalmente a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho, especialmente na atividade canavieira, como mão de obra assalariada. Analisou a condição de vida daqueles(as) que constituem parte da força de trabalho na monocultura da cana-de-açúcar sob a ótica do capital.

4.1 “Geografia e gênero: a mulher como força de trabalho no campo”

No artigo proposto a geógrafa Rosa Ester Rossini aponta que o conceito de gênero é bastante recente nas ciências sociais e diz respeito à dimensão socialmente construída do feminino e do masculino. O objeto da ciência geográfica é, em primeiro lugar, o espaço. Assim, Rossini procurou trabalhar o tema de forma a demonstrar como a mulher, através de seu trabalho, produz e reproduz o espaço.

A concentração de terras, a modernização e mecanização da agricultura, a quase eliminação do residente rural e a contratação temporária da mão de obra rural passaram a ser o traço dessa nova produção do espaço, baseada na agroindústria.

Para se compreender melhor a problemática do trabalho feminino é preciso compreender as relações de trabalho e a organização familiar para garantir a sobrevivência do grupo.

A transformação do colono em mão de obra assalariada vai mudar substancialmente a organização específica da família, pois nessa nova estruturação os membros recebem um salário individual. Conforme (BARROSO, 1982), *apud* (ROSSINI, 1993, p.2), “mulher, família e trabalho doméstico, que inclui educação e cuidado com os filhos, aparecem, então, como elementos essenciais para a reprodução cotidiana e gerencial da força de trabalho”.

Anteriormente, no regime de colonato, Rossini explica que havia um contrato assinado pelo homem, chefe da família, que recebia o ordenado familiar. As atividades eram, então, divididas da seguinte forma:

Ao homem cabia a autoridade de coordenar as atividades; as crianças o cuidado com os pequenos animais e com a colheita; e a mulher os trabalhos domésticos, a produção dos valores de uso, o cultivo da roça de subsistência e a colaboração na colheita do café. O pagamento era determinado pelo número de "enxadas" – trabalhadores adultos. (ROSSINI, 1993, p. 1-2).

A organização da família sofre pequenas alterações com a inserção da mulher como força de trabalho assalariada, pois não é mais o "chefe da família" que determina a atividade a ser desenvolvida pelos componentes da unidade familiar, mas cada um se organiza em função das oportunidades individuais. Assim, ao mesmo tempo em que a participação da mulher na força de trabalho aumenta, observa-se também o aumento de mulheres chefiando a família.

Rossini destaca que a subordinação da mulher ao homem, porém, continua. Há certa unidade no que tange à soma das "rendas" para garantia da sobrevivência.

Nesse sentido, de acordo com Rossini (1993):

[...] a questão da autoridade, que era representada pelo homem, comparando-se o trabalho da família no colonato, parceria, arrendamento e agora no assalariamento, percebe-se que a mulher não perdeu autoridade, já que não a tinha, o que na realidade aumentou foram suas responsabilidades. Em geral, continuam reservados a ela os mesmos trabalhos domésticos, pois não há praticamente divisão sexual do trabalho na família; como operária, ela vai à luta para "complementar" os ganhos familiares. Aumentam as responsabilidades em relação aos filhos, visto que ela tem que deixá-los aos cuidados de alguém (mãe, filhos mais velhos, escola, creche ou trancados em casa). (ROSSINI, 1993, p. 2-3).

De acordo com o artigo, em 1977 e 1986, período pesquisado, a participação da mulher como força de trabalho na área canavieira do Estado de São Paulo aumentou consideravelmente, exercendo um papel importante na renda familiar. A mulher passa a ser mão de obra individualizada e assalariada na produção altamente capitalizada da monocultura canavieira e não mais como elemento de “ajuda” na organização familiar, porém mesmo com a inserção da mulher como força de trabalho assalariada, as responsabilidades aumentaram e a mulher passa a executar uma dupla jornada de trabalho, no campo e o trabalho doméstico não remunerado, como o cuidado com a casa e os filhos.

Para a pesquisadora:

O trabalho doméstico é a importante parcela da produção socialmente necessária. Entretanto, numa sociedade na qual a base é a produção de mercadorias, ele não é considerado um trabalho na acepção verdadeira da palavra, pois está fora da esfera da remuneração. (ROSSINI, 1993, p. 10).

Assim, segundo Rossini (1993) “observa-se que ocorreu aumento gradativo no número de mulheres chefes de família. Não só se encarregam do cuidado com a casa e os filhos, mas também da manutenção econômica dos componentes da unidade familiar”.

Outra tendência importante a ressaltar é a diminuição da participação nas atividades ligadas à agricultura, tendência esta justificada pelo avanço da modernização no campo, no seu sentido mais amplo, o que gerou a migração de trabalhadores/as para a cidade, porém o urbano não está tendo capacidade de dar ocupação a toda mão de obra migrante do setor rural. Logo o mercado informal parece ser a saída para a família sobreviver em condições de grande pobreza. Agora a renda da família passa a advir tanto do trabalho no campo, como dos ganhos provenientes de atividades urbanas.

Figura 8: Taxa de atividade masculina e feminina, segundo a condição de domicílio, Brasil

Taxa de Atividade Masculina e Feminina, Segundo a Condição de Domicílio, Brasil, 1970-1985			
Ano	Condição de domicílio	Homem	Mulher
1970	Total	71,9	18,2
	Urbana	65,5	22,3
	Rural	80,1	12,2
1976	Total	73,6	28,8
	Urbana	68,6	28,9
	Rural	82,9	28,4
1980	Total	72,4	26,6
	Urbana	70,0	30,5
	Rural	77,6	17,1
1987	Total	76,6	38,6
	Urbana	74,2	39,8
	Rural	83,0	35,0

Nota: Censo Demográfico para 1970-1980 e Pesquisa Nacional de Domicílio (PNAD-IBGE), para 1976 e 1987.
Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), *Apud* (ROSSINI, 1993, p. 3).

De acordo com Ianni (1976) *apud* Rossini (1993, p.7):

A "expulsão" dos moradores e de suas famílias das propriedades rurais, em função da penetração de formas capitalistas de produção no campo e a conseqüente renda da terra, provocou a transformação desses em assalariados puros e, conforme referido, em residentes nas periferias das cidades. (IANNI, 1976).

Para garantir a manutenção da família na área rural, homens, mulheres e crianças, foram chamados ao trabalho assalariado, permanente ou temporário.

A utilização da mão de obra assalariada temporária aumentou especialmente após a criação do Programa Nacional do Alcool (Proálcool)⁷, em 1975.

Rossini também ressalta que a implantação da legislação do(a) trabalhador(a) rural assegurou descanso semanal remunerado, férias proporcionais, aposentadoria por tempo de

⁷ Após a crise petrolífera de 1973 foi criado o proálcool, cujo objetivo era impulsionar a produção de bioenergia, afim de substituir gradativamente os automóveis movidos por combustíveis fósseis por motores movidos por combustível renovável.

serviço, aposentadoria por invalidez e pagamento de 90 dias de "repouso" para a gestante. O Estatuto do Trabalhador Rural, Lei nº 4.214, de 2 de Março de 1963, estabeleceu a trabalhadora o direito de faltar seis semanas antes e seis após o parto, sem prejuízo da remuneração. Por sua vez, essa medida ampliou a contratação informal de trabalhadoras, isto é, sem vínculos empregatícios, logo “o trabalho informal das trabalhadoras rurais dificulta a organização das mulheres como categoria profissional”, (PAULILO, 1976) *apud* (ROSSINI, 1993, p.7).

Durante todo o ano nas atividades canavieiras, como adubação, plantio, corte, capina, entre outros, um elevado número de trabalhadoras são registradas na qualidade de assalariadas permanentes ou temporárias. É bastante variável o número de trabalhadoras ao longo do ano.

No período compreendido entre o preparo do solo para o plantio até a colheita da cana-de-açúcar há um aumento do número de trabalhadoras, mas são menores, se comparadas ao número de homens.

O aumento da força de trabalho feminina na safra da cana acarreta uma diminuição das trabalhadoras nas cidades que exerciam funções de empregadas domésticas, lavadeiras, faxineiras, entre outras.

Na produção canavieira, enquanto a atividade não é mecanizada, a tarefa de fazer a primeira adubação, sempre foi considerada feminina. São tarefas desempenhadas predominantemente pelas mulheres, como uma verdadeira relação histórica, em relação à divisão sexual do trabalho.

Nesse sentido, o papel da mulher no setor rural está em constante evolução. A participação feminina ganhou grandes proporções, entretanto as mulheres ainda são consideradas invisíveis à sociedade, quanto à forma de remuneração, as condições e relações de trabalho que compreendem a exploração da mão de obra feminina, característica do processo de objetivação do capitalismo.

4.2 “Mulheres e homens na força de trabalho na agricultura. O exemplo da macro-área de Ribeirão Preto-SP (1977-2006)”

Considerando o artigo da Rosa Ester Rossini “Mulheres e homens na força de trabalho na agricultura. O exemplo da macro-área de Ribeirão Preto-SP, 1977-2006”, trata-se de um

olhar específico sobre as condições de vida das famílias e seus principais desafios na agricultura canavieira, no final dos anos 1970 em diante.

Conforme demonstra a autora,

Nestes vinte e nove anos de pesquisas, as mudanças foram significativas: aumento do número de trabalhadores na família, diminuição de residentes na casa, crescente procura de participação da mulher na força de trabalho no campo, até meados da década de 90, maior escolarização, queda no número de filhos, aumento na última década de desemprego/desocupação para homens e mulheres. O fato mais marcante desta última década foi a diminuição dos postos de trabalho e a masculinização nos novos engajamentos. Apenas os homens operam máquinas. (ROSSINI, 2006, p. 7).

A autora em questão aponta que o desenvolvimento técnico científico e informacional no Brasil, sobretudo no estado de São Paulo, a partir da década de 1960 intensificou o processo de urbanização de modo que a população rural foi diminuindo gradativamente. Por sua vez, a migração pendular e a residência urbana em áreas periféricas da cidade, também se intensificaram, conforme Rossini (2006), “[...] a residência urbana e a migração pendular em função do processo de intensificação do capital no campo, a moradia na periferia da cidade, por ser mais econômica, foi a opção para boa parte desta população trabalhadora”.

No entanto, a intensificação das relações capitalistas na agricultura, o que levou o deslocamento da família, trabalhadores/as rurais, do campo para a cidade, não desvinculou essa população da atividade agrícola.

Assim, a proposta da autora Rosa Ester Rossini foi de verificar e apresentar, entre outros aspectos, como era a sobrevivência dessas famílias, onde, pelo menos, uma mulher na casa, empregava sua força de trabalho na agricultura canavieira.

O trabalho da casa e o cuidado com as crianças, dentro de uma divisão sexual do trabalho era historicamente realizado pelas mulheres. Atualmente na organização da família o homem passa a colaborar com as atividades da casa, já que o trabalho fora do lar se fez necessário para ambos, porém para as mulheres a dupla jornada e o sobretrabalho são substanciais, como demonstra a autora:

[...] O trabalho da casa, o cuidado com as crianças e velhos, etc. são historicamente de competência da mulher, e os homens dele participam à distância. Hoje, o trabalho fora do lar é necessário a ambos, restando, portanto, um sobretrabalho substancial à mulher. Começa a existir na casa certa divisão de trabalho. Alguns homens colaboram na arrumação da casa, no preparo dos alimentos, nos cuidados com as crianças, na lavagem de roupa, etc. (ROSSINI, 2006, p. 07).

Na organização da unidade familiar um elemento importante a destacar é a diminuição do número de pessoas por família, a partir de 1970. A mudança ocorreu devido à

disseminação do uso de anticoncepcionais gerados pelo engajamento da mulher como força de trabalho assalariada nas atividades agrícolas, bem como a dupla jornada de afazeres a qual estão sujeitas, a falta de creches que funcionem em horários compatíveis com as horas de trabalho e a migração precoce dos membros da família para a cidade.

Figura 9: Macroárea de Ribeirão Preto – Número de filhos por família.

MACRO-ÁREA DE RIBEIRÃO PRETO NÚMERO DE FILHOS POR FAMÍLIA 1977 – 1985/86 – 1995/96 – 2003/06						
Ano/ Número de Filhos	Até 2	de 3 a 4	de 5 a 6	7 ou mais	Zero filhos	Total de Famílias
1977	4	12	11	16	0	43
	9,3%	27,9%	25,6%	37,2%	0%	100%
1985	18	13	4	1	2	38
	47,4%	34,2%	10,5%	2,6%	5,3%	100%
1995/96	23	14	1	1	3	42
	54,7%	33,3%	2,4%	2,4%	7,2%	100%
2003/06	15	14	1	0	1	31
	48,4%	45,2%	3,2%	0%	3,2%	100%

Fonte: Pesquisa de Campo 1977, 1985/86, 1995/96, 2003/06

Fonte: ROSSINI, 1993, p. 8.

A escolarização do(a) trabalhador(a) rural cresceu consideravelmente, porém, de acordo com a autora, a ausência de cursos profissionalizantes no período noturno, ligados a atividade agrícola contribuiu para a migração dos(as) trabalhadores(as) para as cidades. Em alguns casos, após a conclusão do Ensino Médio homens e mulheres voltam a ser volantes.

O percentual de analfabetos, também elevou. Isso, sem considerar o analfabetismo funcional, já que apenas a frequência à escola não garante a contrapartida do conhecimento equivalente ao grau de escolarização.

Figura 10: Macroárea de Ribeirão Preto – Escolaridade média das pessoas com 7 anos e integrantes da família

MACRO ÁREA DE RIBEIRÃO PRETO							
ESCOLARIDADE MÉDIA DAS PESSOAS COM 7 ANOS E MAIS							
INTEGRANTES DA FAMÍLIA							
2003/2006							
	1º à 4º série	Fundamental Incompleto	Fundamental Completo	Médio Incompleto	Médio Completo	Sem escolaridade	Total
Nº	58	49	5	13	4	25	154
%	37,6	31,8	3,2	8,5	2,6	16,2	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo, 2003/2006

Fonte: ROSSINI, 2006, p.7.

As mudanças estabelecidas pela reestruturação produtiva geraram alterações na força de trabalho rural, o qual boa parte das atividades é feita com máquinas modernas, exigindo preparos técnicos, que por sua vez não são alcançados pelos(as) trabalhadores(as), mesmo com o acesso à escola pública. Deste modo, são poucas as pessoas que conseguem se tornar trabalhadores(as) operadores(as) de máquinas sofisticadas, cada vez mais comuns no campo brasileiro, particularmente, nas áreas de produção de cana-de-açúcar do Centro-Sul do país.

De acordo com a pesquisadora a terceirização assume cada vez mais o papel de destaque na produção da cana. Assim, a relação de trabalho, em sua maioria, deixou de ser patrão/empregado. Mulheres e homens são recrutados para o trabalho por produtividade, sem discriminação em relação à remuneração, pois o rendimento diário depende da capacidade e habilidade individual dos(as) trabalhadores(as). Porém, segundo Rossini (2006), “apesar de não haver no discurso, discriminação entre o trabalho das mulheres e dos homens, essas em geral recebem menos, quando contratadas por salário”. No entanto Rossini ressalta que:

A mulher, quando absorvida pelo mercado de trabalho (rural ou urbano), tende a ser integrada em atividades que guardam “certas especificidades femininas”. Em primeiro lugar, sua entrada na força de trabalho é considerada como ajuda. No momento em que muda a concepção para o trabalho, permite dar sentido à divisão de tarefas por sexo. (ROSSINI, 2006, p. 13).

O controle de rendimento diário por produtividade de cada trabalhador(a) é uma tarefa difícil de ser realizada e muitas das vezes não é apresentado com probidade. Segundo Rossini:

É muito comum homens e mulheres serem roubados na avaliação da quantidade de cana cortada por parte do fiscal, hoje denominado “líder de equipe agrícola”, que deveria, ao final do dia, dar-lhes o controle da quantidade de cana cortada. Isso nem sempre acontece. [...] É muito difícil levantar informações quanto aos rendimentos das pessoas oriundos de trabalho: ou não informam, ou aumentam, ou diminuem e raramente dão o solicitado corretamente. (ROSSINI, 2006, p. 11-12).

Assim, de acordo com Rossini a modernidade tecnológica criou dificuldade de engajamento na força de trabalho, e o elevado número de trabalhadores e trabalhadoras que requisitava posto de trabalho ocasionou consideravelmente a queda do salário médio, tanto para os homens quanto para as mulheres.

Figura 11: Macroárea de Ribeirão Preto – Rendimento da Força de Trabalho

MACRO-ÁREA DE RIBEIRÃO PRETO								
RENDIMENTO DA FORÇA DE TRABALHO								
1977 – 1985/86 – 1995/96 – 2003/2006								
(em porcentagem)								
	Salário Mínimo							
	Zero	Até 0,5	0,6 a 1	1,1 a 1,5	1,6 a 2	Mais de 2	Ignorado	Total
Homem	1,1%	5,6%	32,2%	20,0%	11,1%	12%	17,9%	100%
Mulher	0%	18,7%	40%	12%	0%	0%	29,3%	100%
Homem	0%	2,7%	10,7%	26,3%	34,2%	26,3%	0%	100%
Mulher	0%	2,3%	27,3%	38,6%	25%	6,8%	0%	100%
Homem	0%	0%	11,7%	5,8%	23,5%	58,8%	0%	100%
Mulher	0%	0%	11,1%	11,1%	25,9%	51,8%	0%	100%
Homem	0%	0%	5%	30%	55%	10%	0%	100%
Mulher	0%	0%	15,1%	57,1%	22,6%	5,2%	0%	100%

Fonte: Pesquisa de Campo 1977, 1985/86, 1995/96, 2003/06

Fonte: ROSSINI, 2006, p.9.

A jornada de trabalho é mais longa na produção da cana do que na cidade, sem contar com o deslocamento dos(as) trabalhadores(as). Mas, de acordo com Rossini percebe-se claramente um progresso na qualidade de vida, de acordo como discurso dos/as trabalhadores/as, em relação às condições de trabalho na produção da cana-de-açúcar, como a melhoria no transporte, alimentação comprada ou servida pela empresa contratante e as necessidades fisiológicas são feitas em banheiros apropriados ao invés de ser no “mato”.

Quanto à melhoria no transporte a autora destaca que:

[...] o transporte é feito por ônibus. Há também verdadeira distribuição sexual dos lugares, como acontecia nos caminhões, as mulheres sentam-se nos bancos da frente e nos outros, os homens. As pessoas trabalhadoras se sentem mais valorizadas no “conforto” propiciado pelos ônibus, embora os veículos sejam sempre de péssima qualidade. Percebe-se claramente nos discursos das pessoas que houve melhoria no transporte, mas continua a separação homem/mulher. (ROSSINI, 2006, p. 11).

Em relação à dupla jornada, após um longo dia de trabalho na cana, verifica-se que a mulher continua sem descanso, tendo que realizar o trabalho doméstico, não remunerado que passou a ser considerado secundário, e realizado nas horas extremas, pois é indispensável para a reprodução da família.

A autora conclui que existem outros recursos que contribuem para determinar a qualidade de vida dessas famílias:

Não é só do salário que vive a família. Existe todo um conjunto de atividades que interferem na qualidade de vida, na manutenção e na reprodução da força de trabalho. Não há dúvida, como já frisamos, de que o salário ou outras fontes de renda pesam substancialmente, mas há outros recursos não monetários que, combinados com as rendas, contribuem para a determinação da qualidade de vida da família: serviços públicos e sociais; a produção doméstica de bens e serviços e o uso das relações sociais informais com parentes, vizinhos e amigos, com os quais se estabelece uma rede de ajuda mútua. (ROSSINI, 2006, p. 8).

Dessa forma, todo conjunto de atividades apresentado interfere na determinação da qualidade de vida, na manutenção e na reprodução da força de trabalho das famílias na produção canavieira.

4.3 “Geografia e gênero: a força de trabalho feminina começa a ser incorporada pela modernidade tecnológica na agroindústria canavieira na macroárea de Ribeirão Preto”

O artigo selecionado de Rosa Ester Rossini tem como objetivo aprofundar a discussão a respeito de duas questões. São elas: a mão de obra precarizada de homens e mulheres que fica a margem do sistema e a poluição ambiental. Na produção canavieira, apesar de as técnicas estarem evoluindo de forma geométrica durante o atual período técnico científico informacional e da informatização, essas questões requerem consideração por parte da sociedade e do Estado, apesar das inúmeras propostas e políticas de soluções, cujos prazos são perpetuamente estendidos para efetiva implementação.

De acordo com a obra citada a presença de delegações de 191 países, na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, também conhecida como Rio + 20, realizada em junho de 2012, no Rio de Janeiro, Brasil trouxe mais um marco para as discussões sobre o futuro da humanidade. Segundo Rossini um dos pontos mais significativos foi a tentativa de mudar o foco da análise, ou seja, pensar uma vida possível para o ser humano, a natureza e as instituições onde o econômico não é a prioridade. “Assim, o objetivo era que a economia se tornasse mais ambientalmente consciente e humana”. (Jornal da USP – 2 a 8 de julho de 2012, p. 9), *apud* Rossini (2015).

Segundo a autora, há quase 20 anos, Milton Santos já se preocupava com o tema ao escrever o monumental livro "A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção", no qual aborda a questão da solidariedade com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas, minimizando a necessidade de "pesar" os resultados, apenas do ponto de vista econômico. Em entrevista, o professor Paul Singer destacou a necessidade de se falar sobre a melhoria da qualidade de vida, incluindo a importância do Índice de Felicidade ou Felicidade⁸ Interna Brutal (FIB).

Conforme Rossini é fundamental que, em um futuro próximo, o avanço tecnológico da ciência e da engenharia desenvolva opções de incorporação dessas ideias, bem como formas de incorporar a classe trabalhadora, que se encontra cada vez mais à margem da sociedade moderna e cada vez mais distante do FIB. Os capitalistas levam sempre vantagens econômicas frequentemente com apoio do Estado brasileiro construindo um novo território com os olhos voltados para o mercado.

Rossini destaca que a face do Brasil mudou como resultado da modernização tecnológica da agricultura canavieira. O início do novo século inaugura uma nova fase de desenvolvimento agrícola, biotecnológico, industrial, logístico e gerencial, acompanhado de seu processo de expansão, concentração e internacionalização. A reestruturação e ampliação da presença do capital internacional são marcas da atual era tecnológico-científica. Maior diversidade de produtos, refinamento técnico e discurso socioambiental, evidenciados pelos selos sociais e ambientais. Nessa reestruturação, homens e mulheres são gradualmente eliminados, e a substituição das pessoas é feita por máquinas muito sofisticadas. Ao mesmo tempo, observa-se estruturas organizacionais alternativas para o trabalho e atividades relacionadas à produção familiar e assentamentos de reforma agrária.

⁸FIB: Estratégias adotadas para implementar a Felicidade Interna Bruta. A metodologia do FIB leva em consideração “alguns indicadores como o da violência, separações conjugais, uso de drogas e álcool e ainda inúmeros dados a respeito de educação e saúde”. (Jornal da USP, julho de 2012, p.10), *apud* (ROSSINI, 2015).

No campo da atividade sucroenergética, as famílias estão cada vez mais se unindo a instituições financeiras internacionais e mercados de capitais intersetoriais (maiores, mais capitalizados e mais globalizados) em um esforço para aumentar a produtividade e a competitividade econômica por meio do desenvolvimento das chamadas racionalidade: tecnificação; criação limitada de novos empregos em substituição à volumosa utilização da mão de obra volante; difusão de usinas canavieiras. Nesse sentido, a nova face da agricultura canavieira é a de “criação de espaços nacionais da economia internacional”. (SANTOS E SILVEIRA, 2001).

A combinação de ciência, técnica, informação e informatização na atividade canavieira permitiu uma forte precisão na previsão de resultados, assim o esgotamento do solo ou as mudanças climáticas tem menos impacto na produção. No entanto, a atividade é afetada significativas crises internacionais que afetam o setor.

De acordo com Santos, (1996) “o espaço geográfico tem um papel privilegiado na medida em que cristaliza os momentos anteriores e é o lugar de encontro entre passado e futuro, mediante relações sociais do presente que nele se realizam”. Segundo essa ótica, para se ter uma compreensão aprofundada dessa nova fase da história, marcada pelos novos signos empresariais e pela internacionalização da produção e do produto, deve-se levar em consideração os novos papéis do Estado; o papel essencial da circulação na acumulação; a revolução provocada pela informação e sua manipulação, que conecta instantaneamente os lugares graças aos avanços tecnológicos; e as possibilidades de criação de novas geografias evidenciadas pelas novas formas, produto do desenvolvimento tecnológico e social; a exploração humana se generalizada e seu contrário, ou seja, os avanços dos processos libertários defenderam por um lado a disseminação de conflitos e por outro a existência de um número cada vez maior de organizações populares e sociais; a questão do meio ambiente, bem como a qualidade de vida e a saúde da população. Dessa forma estudar as questões agrícolas, como a força de trabalho, tanto de homens quanto de mulheres, e a luta pela sobrevivência na atividade canavieira e aqueles que migram em busca de emprego, são, portanto, fundamentais.

Apesar de ser referida como a área original de pesquisa na Macroárea de Ribeirão Preto após mais de 30 anos de estudo no agropaulista, áreas de estudo para as duas questões iniciais, gênero e força de trabalho, foram agregadas ao longo dos anos, extrapolando os limites geográficos da região, porém mantendo a atividade canavieira e a região do Ribeirão Preto como componentes centrais da linha de pesquisa, ampliando o escopo dessa investigação.

Conforme Rossini as desigualdades e as discriminações tornam-se mais pronunciadas nas relações de trabalho, incluindo a divisão do trabalho entre homens e mulheres nas práticas produtivas e a luta pela sobrevivência de homens e mulheres no trabalho agrícola. Essas discussões serão focadas na expansão e modernização da produção canavieira.

Na pesquisa de Rossini também são objeto de atenção às implicações para a mobilidade da força de trabalho na atividade canavieira.

As pessoas que trabalham na agricultura canavieira no Brasil viajam com frequência, estabelecendo laços estreitos entre seus locais de origem e seus destinos finais, bem como viagens diárias da periferia das cidades para trabalhar no campo e geralmente vivem em condições precárias.

O trabalho em questão examinou as condições de vida daquelas e daqueles que compõem a força de trabalho na monocultura da cana sob a ótica do desenvolvimento das relações de produção que só são percebidas pelos empresários sob a ótica do capital. Assim, tem-se a impressão de que existe um "mar de cana" que se expande a cada dia e alimenta os "rios" de etanol, não só na área estudada, como país. O papel da família, da mulher e do homem no trabalho agrícola sofreu mudanças significativas, principalmente no corte da cana. Por outro lado, como alternativa de sobrevivência, os/as migrantes vendem sua força de trabalho em diversas outras ocupações. Dessa forma, as relações de trabalho sofreram modificações, evidenciando a terceirização das atividades.

De acordo com Rossini no estado de São Paulo, cerca de 70% da cana é colhida mecanicamente. O trabalho manual diário diminuiu proporcionalmente ao avanço tecnológico. Homens e mulheres são bem-vindos para participar do trabalho, e a produtividade média diária é de 12 toneladas. Não são incomuns os casos de produtividade diária superior a 30 toneladas. É típico que o trabalho consista apenas em cortar a cana que a máquina não conseguiu colher porque o terreno era irregular, a declividade na época ultrapassava 12 % ou a cana estava morta ou doente. Nesse caso, a produção cai para 2, 4 ou 5 toneladas, reduzindo o faturamento diário. O uso de isotônico é uma prática comum que o empregador oferece aos trabalhadores para prevenir câimbras.

Segundo Rossini, num cenário de esperança e desesperança, a autora, há mais de 30 anos realiza pesquisas na macroárea de Ribeirão Preto, SP, que possui uma cultura de cana altamente desenvolvida e cujos olhos estão voltados para o aproveitamento econômico deste produto para o desenvolvimento de subprodutos afins, como etanol, energia elétrica, alimentação de animais, entre outros.

Desde 1977, 1985/86, 1995/96, 2003/06 e 2010/2013, Rossini realizou pesquisas com 43, 38, 42, 57 e 48 famílias, respectivamente, contendo pelo menos uma mulher na família que empregava sua força de trabalho na atividade ligada à agricultura canavieira, para se verificar, entre outros aspectos, a sobrevivência da família.

Cada vez, a preocupação deste estudo com a parte qualitativa pode ser percebida no número reduzido de 228 famílias profundamente pesquisadas. Há também o fato de que essa característica, a saber, a urbanização e a migração pendular em decorrência da intensificação do capital no campo tornaram-se mais expressiva a partir da década de 1960. Por ser economicamente mais viável, a maior parte dessa população trabalhadora optou por morar perto da periferia da cidade, acreditando que isso era necessário devido à considerável diminuição dos residentes no campo, ocupando o espaço com o cultivo de monoculturas.

Durante a década de 1960, o desenvolvimento técnico científico e informacional do estado de São Paulo acelerou a tendência de urbanização a ponto de a proporção da população residente na zona rural ser de apenas 4,12% em 2010⁹. Assim,

A relação de trabalho está deixando de ser apenas de patrão/empregado, pois a terceirização vem assumindo cada vez mais papel de destaque. À pessoa trabalhadora registrada eram assegurados direitos trabalhistas como férias, 13º salário, descanso semanal remunerado, 120 dias de licença-gestante. Desde a década de 90, devido à modernidade tecnológica, vem sendo dificultada a garantia do emprego e ocupação. Hoje a grande luta é pelo trabalho. (CACCIAMALI, 2001; ABREU e SORJ, 1994; SILVA, 1999), *apud* (ROSSINI, 2015).

Não há discriminação quando homens e mulheres são contratados para trabalhos com base na produtividade, porque a renda diária de cada pessoa é determinada por sua capacidade e habilidade individual. Em média, são colhidas de 10 a 12 toneladas de cana por dia. Algumas mulheres cortam mais outras menos. É muito comum homens e mulheres serem abandonados durante a avaliação do fiscal sobre a quantidade de cana cortada em cada jornada de trabalho. Esse fiscal é conhecido como o "líder da equipe agrícola" e é responsável por entregar o controle da quantidade de cana cortada de cada trabalhador e trabalhadora. Porém, este nem sempre é o caso. Costuma-se receber o salário no final de semana ou no quinto dia do mês sem ter recebido a caderneta com o controle da quantidade de cana cortada.

Segundo a autora é muito difícil obter informações sobre os rendimentos de quem originalmente executou o trabalho, ou a informação é retida, ou não declaram, ou aumentam, ou diminuem, logo raramente fornecem as informações solicitadas corretamente. É uma inibição natural da capacidade humana, ainda maior para quem sente que sua situação é

⁹ Censo Demográfico de 2010, IBGE

concretamente precária. A mesma observação foi feita em relação ao fato de que, mesmo não havendo discriminação explícita no ambiente de trabalho entre homens e mulheres, as mulheres geralmente recebem menos quando contratadas por salário. Quando os funcionários são pagos apenas pela produtividade, seu pagamento é determinado por sua capacidade individual.

Rossini ressalta que devido às dificuldades de recrutamento da força de trabalho, principalmente em decorrência da modernidade tecnológica, a média salarial de homens e mulheres diminuiu significativamente devido ao elevado número de candidaturas às vagas de trabalho. É costume que homens e mulheres trabalhem apenas meio período do dia para cortar as canas que a máquina não conseguiu completar.

De acordo com (BINI, 2008), *apud* (ROSSINI, 2015), “a mulher tende a ser integrada em atividades que preservam “certas especificidades femininas” quando está inserida no mercado de trabalho rural ou urbano. Sua entrada na força de trabalho era considerada como ajuda em primeiro lugar. Mais tarde, à medida que suas atividades passaram a ser vistas também como trabalho, ficou clara a ideia de divisão de tarefas por sexo”.

As seguintes tarefas agrícolas são fundamentais para o cultivo da cana: preparo do solo, plantio, tratos culturais e colheita.

Em geral, conforme relata Rossini, o solo é preparado nos meses de novembro e dezembro, embora agora seja distribuído por um período de tempo mais longo. Esta atividade inclui aração, calagem, gradeação e locação de curva de nível. Todo esse trabalho é feito com máquinas, envolve pouquíssimas pessoas e é feito apenas por homens. Não há conhecimento de mulheres, na qualidade de assalariadas, operando máquinas. Segundo informações, algumas mulheres foram contratadas como operadoras de máquinas na área de Araçatuba em 2009, e ainda hoje estão presentes na macroárea de Ribeirão Preto, apesar do número ainda não ser significativo.

O plantio funciona por 3 a 4 meses a cada ano, de janeiro a março-abril. Com o avanço tecnológico e a introdução de novas variedades no mercado, essa atividade provavelmente poderá ser realizada o ano todo. Atualmente é realizado principalmente por máquinas, mas é possível que parte do processo envolva mão de obra humana direta, empregando homens e mulheres.

A fase de tratos culturais inclui à carpa, combate às formigas, adubação em cobertura e a preservação do carreador, área de escoamento do cultivo. Com o uso da mecanização e de herbicidas químicos, a carpa eliminou a necessidade de trabalho manual, removendo o emprego de homens e mulheres.

A terceira tarefa, o corte da cana, Rossini discorre que pode ser total ou parcialmente mecanizada dependendo do terreno. Caso ele esteja nivelado, o corte pode ser totalmente mecanizado. Se a atividade for realizada com trabalhadores, será necessária uma grande mão de obra e levará entre 6 e 8 meses para ser concluída, geralmente de maio a novembro. Em algumas usinas já são utilizadas em 70% das operações de corte, a colheita mecanizada, sendo que a média era de 40%. Em decorrência da intensificada modernização tecnológica, existem atualmente propriedades que não queimam a cana para o melhor aproveitamento dos subprodutos, como a produção de energia elétrica, a produção de plástico, etc. Em 2009, de acordo com as recomendações do Protocolo de Kyoto, foi estabelecido que até 2014 a colheita mecanizada nas áreas destinadas ao cultivo de cana deve ser de 100%. A preocupação ambiental afeta toda a produção agrícola. Dessa forma,

Desde 1988, a legislação para a cana-de-açúcar no Estado de São Paulo vem sendo aperfeiçoada quanto à queima da palha da cana. A lei nº11.241 dispõe sobre a eliminação gradativa da queima da palha, determinando que até 2021 todas as áreas mecanizáveis não deverão efetuar essa queima; dispõe também que, até 2031, tanto as áreas não - mecanizáveis, com percentual de declividade superior a 12%, como os cultivos com áreas inferiores a 150ha, terão que se adequar ao estabelecido. (PACCELLI & BRAY, 2006), *apud* (ROSSINI, 2015).

A autora ressalta que nenhuma mulher foi descoberta nos estudos controlados em 1977, 1985/86, 1995/96 ou 2003/2006 trabalhando como líderes de equipes agrícolas ou empreiteiras. Nesta pesquisa, foi possível encontrar mulheres operando máquinas colheitadeiras. A jornada de trabalho na produção da cana é maior que a jornada de trabalho na cidade sem levar em conta a necessidade de transporte para levar o trabalhador e as trabalhadoras ao local de trabalho. Hoje, os ônibus são usados para transportar os trabalhadores, semelhante ao transporte realizado pelos caminhões, também há uma disposição de gênero dos assentos nos ônibus. As mulheres se sentam nos bancos da frente enquanto os homens se sentam nos bancos de trás. O "conforto" proporcionado pelos ônibus faz com que os trabalhadores se sintam mais valorizados, mesmo que os veículos sejam sempre de má qualidade.

De acordo com Rossini percebe-se claramente uma evolução na vida e no discurso dos trabalhadores: “Por exemplo, falam da melhoria no transporte, apesar da separação homem/mulher; utilizam mochila no lugar do “embornal”; usam garrafão térmico para transporte da água no lugar dos perigosos garrafões de vidro; suas necessidades fisiológicas são feitas em banheiros apropriados ao invés do “mato”. (ROSSINI, 1999, 2007).

Devido à entrada da mulher na força de trabalho e sua migração do lar para o trabalho externo, conforme aponta Rossini, o trabalho doméstico passou a ser considerado secundário e realizado apenas em horários extremamente tardios e muitas vezes à noite, no final de semana, pois a dupla jornada da mulher é vista como essencial para a capacidade de reprodução da família. Seu tempo de descanso se torna cada vez menor, enquanto para o homem o tempo de descanso é maior, pois após a sua jornada de trabalho, ele chega a casa e aguarda o jantar. Não há muitos homens que colaboram com as tarefas de casa.

Em geral, um homem se encontra com amigos nos fins de semana, joga sinuca ou fica em um bar conversando e bebendo. Enquanto faz isso, uma mulher trabalha fazendo coisas como lavar roupa, cozinhar, decorar e cuidar das crianças. Trabalho por ela executada, com auxílio esporádico da irmã, mãe, cunhada, etc. Quando as filhas começam a crescer, já recebem algumas responsabilidades, como cuidar dos irmãos menores e cuidar da cozinha. Mais tarde, dividem entre si as "responsabilidades" da mãe até chegar o momento de partirem para o trabalho no campo, outros empregos na cidade, ou migrar, ou sair de casa para casar. Os filhos seguem a mesma narrativa típica: acompanham o pai nos momentos de lazer; esperam que a mãe ou a irmã lhes traga comida, roupa limpa; e eles são inseridos em uma atividade laboral prematuramente.

Com relação às condições de trabalho no corte da cana, várias fazendas ou empresas que empregam trabalhadores rurais estão fornecendo suplementos alimentares, como leite de soja pela manhã para energizar os trabalhadores e pão, sopa, suco no almoço. Muitas empresas oferecem "marmitex". Segundo (SILVA, 1999, 2004) *apud* (ROSSINI, 2015) "é provável que vários trabalhadores tenham morrido por excesso de trabalho devido ao enorme esforço físico feito para aumentar o número de toneladas de colheita diária de cana".

Em relação aos "bens possuídos" das famílias, de acordo com Rossini, observa - se um aumento percentual entre os que passaram a possuir bicicletas, geladeiras e fogão a gás. Diminuiu o número de famílias que usam máquinas de costura e rádio de pilha. No primeiro caso, o hábito de comprar roupas de lojas deve ter contribuído significativamente, enquanto no segundo, a presença de "aparelhos de som" e a compra de uma televisão devem ter contribuído para o declínio dos outros itens. De acordo com (SANTOS, 1996) "o desenvolvimento técnico científico e o aumento da demanda possibilitaram a popularização de determinados bens, que possuem maior valor agregado". Assim, segundo Rossini:

A televisão aparece em 1977 em 58% das residências, em 2003/06 em 88,8% e em 2010/12 em 100% das residências. Em 1977 apenas 20,9% possuíam geladeira, 88,8% em 2003/06 e 100% em 2010/13. Em 2003/06, 44,4% dos pesquisados já

possuíam bicicleta. Na pesquisa de 2003/06 a presença do computador já é uma realidade de 18%, para 2010/13 os percentuais foram menores. Os telefones celulares não apareciam em 2006, hoje estão presentes em 87,2% das famílias. (ROSSINI, 2015).

A autora destaca que a dupla jornada de trabalho ainda é uma narrativa presente na vida das trabalhadoras no corte da cana, de acordo com as entrevistas realizadas. Tanto para homens quanto para mulheres, a migração entre o local de trabalho e residência é uma prática constante, visando a melhoria da qualidade de vida. Muitas pessoas querem continuar no trabalho agrícola vislumbram se mudar para assentamentos e, eventualmente, adquirir um lote de terra familiar.

As perspectivas para o futuro não são otimistas porque os trabalhadores tem menos oportunidades de emprego como resultado de sua formação profissional. No entanto, os jovens escolhem outras possibilidades profissionais que lhes permite atuar no mercado de trabalho, e o caminho para esse objetivo parece ser a educação formal seguida de capacitação profissional.

De acordo com a pesquisa de Rossini há uma rejeição geral ao trabalho braçal na lavoura por parte de todas as pessoas pesquisadas. Os homens almejam trabalho no setor terciário ou como pedreiros, carpinteiros, pintores, ou mesmo em escritórios. As mulheres almejam trabalhos no magistério, atendentes e outros empregos, pois não querem ser empregadas domésticas porque veem esse trabalho como "prisão" e mal remunerado.

Por fim, segundo Rossini, apesar da expansão da cana em termos de produção, homens e mulheres que trabalham nas lavouras veem suas oportunidades de emprego diminuindo. Sabe-se que essa expansão, que ocorre em ritmo acelerado de avanço tecnológico, exigirá mão de obra tecnicamente qualificada, excluindo aqueles que não acompanharam o desenvolvimento tecnológico.

5 ENSINO, EDUCAÇÃO E GÊNERO NAS OBRAS DE ROSA ESTER ROSSINI

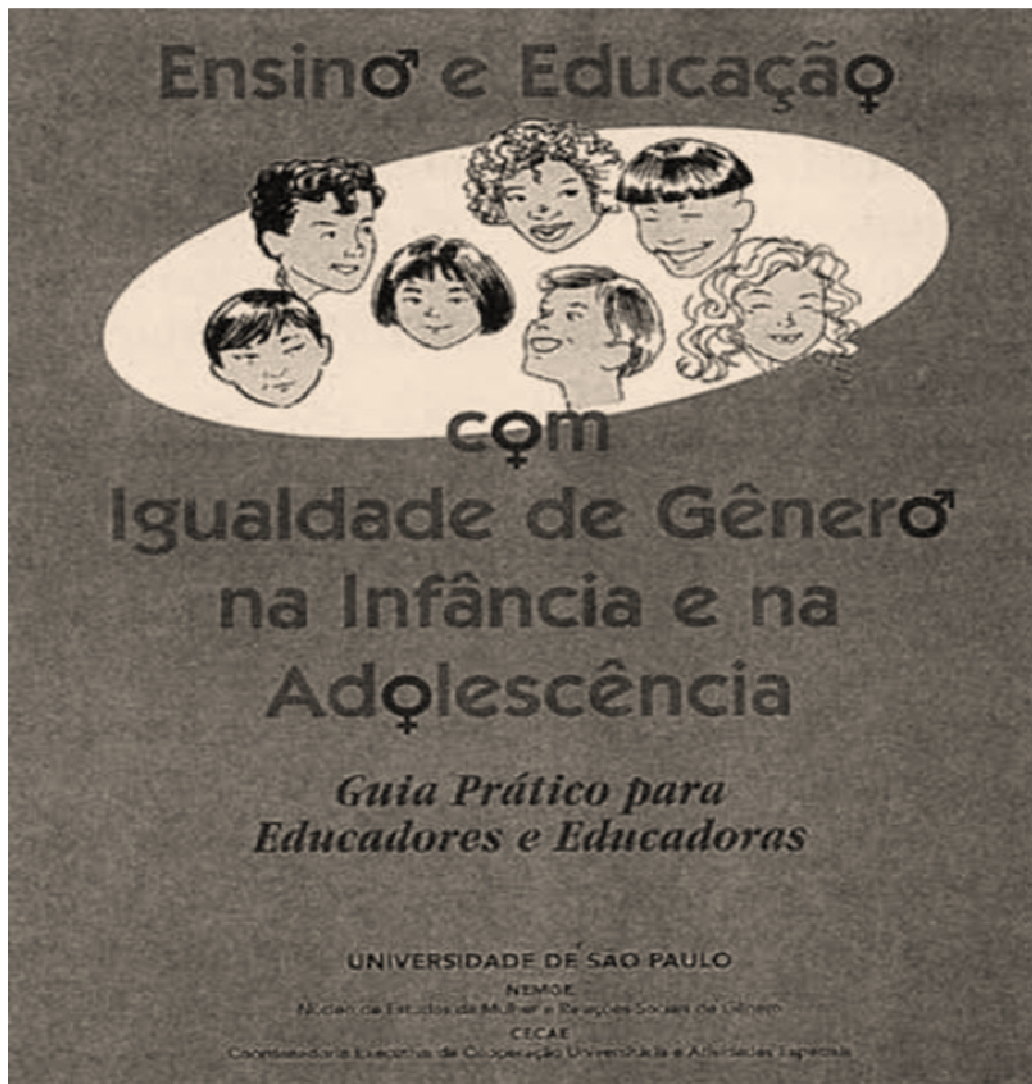
Este capítulo busca apresentar uma análise dos estudos da geógrafa Rosa Ester Rossini em parceria com outras pesquisadoras como Rochelle Saidel, Sônia Calió e Isamara Jesus que abordam a temática de gênero no ensino básico, a partir da elaboração de um Guia sobre igualdade de gênero na escola, nomeado de “Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência: guia prático para educadores e educadoras”, cujo objetivo é apoiar e orientar as pessoas interessadas em promover a igualdade e a equidade de gênero na escola e também na família, na comunidade e na sociedade em geral.

O artigo publicado na revista “Comunicação & Educação” reproduz alguns aspectos estratégicos apresentados no guia “Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência, guia prático para educadores e educadoras”, desenvolvido a partir de um convite do Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (PRONAICA) ao Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEMGE), que estudou as questões de gênero nas propostas, conteúdos programáticos, e ensino nas salas de aulas no centro de atenção integral à criança e adolescente (CAICS) do estado de São Paulo, por meio de uma pesquisa de campo, onde realizaram visitas e entrevistas aos diretores e diretoras, professores(as) e estudantes, bem como a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema.

Mesmo tendo sido elaborado no contexto dos CAICS, a sua utilização pode ser reproduzida em outras escolas e espaços de educação, tendo como objetivo “apoiar e orientar as pessoas interessadas em promover a igualdade e a equidade de gênero na escola, na família, na comunidade e na sociedade em geral” (Guia, p.13). A produção do guia tem o objetivo de servir como:

[...] instrumento de orientação, autoavaliação e atividades didáticas aos/as professores/as, a fim de diminuir e eliminar os preconceitos de gênero e o sexismo veiculados pelos materiais didáticos, manuais escolares e, sobretudo pela sociedade. (USP - NENGE/CNPq, 2006, p.13).

Figura 12: Guia Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na Infância e Adolescência



Fonte: REVISTA COMUNICAÇÃO & EDUCAÇÃO, São Paulo, 1996.

No que tange a utilização do Guia, de início, dois pontos precisam ser levados em consideração, o primeiro é apropriação e o protagonismo de educadoras(es) na aplicação de forma contextualizada, bem como o auxílio da escola no combate ao preconceito de gênero:

[...] As/os professoras/es, é obvio, precisam usar sua criatividade e seu conhecimento para escolher dentre estes meios, os mais apropriados para a idade e o nível de desenvolvimento das/dos estudantes [...] Cabe também a cada escola colaborar na eliminação de imagens estereotipadas associadas às mulheres e aos homens, nas práticas comuns em sala de aula, nos livros escolares e na literatura infanto-juvenil, introduzindo imagens mais efetivas e concretas a respeito do comportamento humano. (USP - NENGE/CNPq, 2006, p. 14).

Além de o aspecto auxiliar, tanto no uso do guia, quanto no combate ao sexismo nas práticas de ensino, o guia evidencia o potencial influenciador da escola e da família no “conteúdo de valores transmitidos à próxima geração” para uma transformação social igualitária, ainda que processual. Potencial reconhecido e documentado no relatório da IV Conferência Mundial sobre a Mulher:

A criação de um ambiente educacional e social onde homens e mulheres, meninos e meninas sejam tratados/as igualmente e encorajados/as a explorarem completamente seu potencial, respeitando a liberdade de pensamento, de consciência, de religião e de crença, e onde os recursos educacionais promovam imagens não estereotipadas de homens e mulheres pode ter resultado efetivo na eliminação das causas de discriminação contra as mulheres e desigualdades entre as mulheres e os homens (ONU, 1995, p.29), *apud* (USP - NENGE/Cnpq, 2006, p. 14)

O guia está dividido em cinco partes: introdução ao conceito de gênero; autoavaliação sobre a igualdade de gênero; a terceira parte trata das estratégias para a promoção da igualdade de gênero; como evitar o sexismo nas linguagens e considerações finais. O guia também apresenta sugestões de leituras, recomendação de vídeos e fontes de informações e recursos.

O artigo, ao tratar da introdução do guia, nos apresenta conceitos basilares como gênero, igualdade e equidade de gênero, preconceito e estereótipo de gênero, contextualizando sua reprodução nas linguagens contidas nos materiais didáticos e nas práticas de ensino vigente, ou seja, nas salas de aula. Por fim, o artigo contrapõe uma educação sexista, a partir da autoavaliação dos(as) professores(as), ferramentas facilitadoras à igualdade de gênero, e um quadro ilustrando a reprodução de falas sexistas. A posse desse ferramental crítico possibilita educadores(as) a contrapor, reduzir e/ou erradicar a reprodução da desigualdade de gênero contida nos materiais didáticos, e nas práticas de aula.

Em relação aos conceitos de gênero e sexo, o guia os diferencia, onde o primeiro identifica as relações sociais que são construídas e estabelecidas entre homens e mulheres, tendo como fator determinante a cultura e transformação social. Sexo por sua vez identifica os aspectos biológicos de homens e mulheres. Essa diferenciação entre gênero e sexo se faz importante, já que o guia ataca o preconceito de gênero com recursos que buscam a promoção da igualdade e da equidade.

Ainda que a igualdade esteja expressa no artigo 5º, inciso 1º da Constituição Federal de 1988¹⁰, as relações sociais entre homens e mulheres são fundamentadas em práticas sexistas, reproduzidas nos sistema de ensino, conservando relações de desigualdade, absorvidas pelos alunos e alunas desde os anos iniciais, tornando-se práticas sutis e subjetivas, que garantem ao homem um lugar de protagonismo, excluindo o potencial decisório da mulher nos espaços sociais e sobre si, relegando-as a segundo plano.

O guia toca em dois pontos fundamentais para a garantia de igualdade e equidade, que é a ruptura ao preconceito e aos estereótipos de gênero, sendo este um dos objetivos nevrálgicos da produção do guia, por meio de práticas críticas e libertárias que garantam a igualdade e a equidade de gênero. Sobre igualdade e equidade as autoras consideram que:

[...] Igualdade é a relação entre os indivíduos em virtude da qual todos eles são portadores dos direitos fundamentais que provém da humanidade e definem a dignidade da pessoa humana. Quando falamos em igualdade de gênero, estamos aplicando essa definição às relações sociais entre mulheres e homens. [...] Equidade de gênero refere-se a igualdade de oportunidade, ao respeito pelas diferenças existentes entre homens e mulheres e às transformações das relações de poder que se dão na sociedade em nível econômico, social, político e cultural. (USP - NENGE/CNPq, 2006, p. 16).

A partir da conceituação de igualdade nos sentido de garantias fundamentais e de direitos iguais entre homens e mulheres, e da equidade como igualdade de oportunidade e respeito pelas diferenças, as práticas de ensino podem fazer o enfrentamento aos preconceitos e estereótipos de gênero, nesse sentido identificá-los possibilita a condição de enfrentamento necessária:

Chamado também de sexismo, o preconceito de gênero é uma atitude social que diminui ou exclui as pessoas, em geral as mulheres, de acordo com sexo. Relacionado ao pensamento e aos hábitos individuais e sociais, envolvem atitudes que afetam o comportamento e, frequentemente, nem são percebidas. (USP - NENGE/CNPq, 2006, p. 16).

¹⁰ Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição. Fonte: <https://constituicao.stf.jus.br/dispositivo/cf-88-parte-1-titulo-2-capitulo-1-artigo-5>

O guia diferencia discriminação de sexo e preconceito de gênero, e mesmo sendo práticas contrárias a constituição, configurando-as como ato ilegal e que são reproduzidas de forma sutil:

A discriminação de sexo é um pouco diferente do preconceito de gênero, porque se refere a tipos de comportamento e práticas individuais e institucionais que, de modo claro, são discriminatórias com base no sexo e, em consequência, são contra a lei. Por exemplo: segundo a Constituição Brasileira, homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações [...] Ambos - discriminação de sexo e preconceito de gênero - podem ser dissimulados, já que muitos aspectos do preconceito de gênero são sutis e inconscientes por estarem embutidos nos comportamentos. (Art. 5º, §1, 1988 *apud* USP - NENGE/Cnpq, 2006, p. 16-17).

Ao objetivar o enfrentamento do preconceito de gênero, considerando o potencial de mudança desse comportamento no ambiente escolar, o artigo denuncia duas posturas que podem ocorrer no campo de atuação de quem almeja promover a igualdade na escola, a primeira seria a omissão de professores(as) ao considerar que “atendem igualmente meninas e meninos e que o sistema escolar não estabelece discriminação quanto ao sexo”, a segunda seria uma “reprodução natural, de pais e mães, e/ou professores (as) ao considerarem que alunos(as) vão reproduzir comportamentos sexistas”, “porque sempre foi assim... e será”. (USP - NENGE/Cnpq, 2006, p. 17)

A essas duas práticas, o guia responde pela decisão facilitadora à igualdade de gênero:

[...] Não se deve chegar a esta conclusão, talvez apressada, pois como mostraremos aqui, são múltiplos os fatores que colaboram na educação de uma criança. Sendo difícil controlá-los, será também difícil educar, de fato, uma criança em uma sociedade sexista (USP - NENGE/CNPq, 2006, p.17).

A subjetividade com que as práticas preconceituosas ocorrem, estão intrinsecamente vinculadas aos estereótipos de gênero, pois são os modelos sociais impostos a homens e mulheres, e que na maioria das vezes vão orientar a movimentação das pessoas nas suas realidades sociais, acessando-os na pluralidade das fases das nossas vidas, o que envolve o sistema de ensino.

Ao tratar dos estereótipos de gênero, o guia identifica práticas sexistas, aprofundando a discussão de sua ocorrência na sala de aula e nos materiais didáticos, argumentando o porquê combatê-los. Sobre os estereótipos, o artigo diz que:

[...] aparece como uma forma rígida, anônima, reproduz imagens e comportamentos e separa os indivíduos em categorias. Um exemplo de estereótipo de gênero: as meninas são choronas e os meninos não podem chorar. (USP - NENGE/CNPq, 2006, p.17).

O guia ressalta que o problema do preconceito de gênero é social, e que as sugestões apresentadas terão maior eficácia conforme assumidas pelo sistema de ensino, e não só de modo isolado, cabendo somente ao/a professor(a) contextualizar num ambiente igualitário, evidenciando que o preconceito afeta tanto meninos e meninas, e que sua eliminação possibilita um ambiente sadio e propício ao desenvolvimento das potencialidades humanas na escola. Desta forma, conforme o guia:

O problema do preconceito de gênero nas salas de aula tem base em um sistema em que a escola reproduz as estruturas de poder, de privilégios e do patriarcado na sociedade. A sua diminuição exige um esforço colaborativo e multifacetado entre as pessoas envolvidas com a escola. Não só professores e professoras, mas também membros da família, estudantes, administradores/as e profissionais envolvidos/as no processo educacional, além de instituições governamentais, podem investir para criar ambientes educacionais mais justos em relação ao gênero. (USP - NENGE/CNPq, 2006, p.18).

Em outro trecho, as autoras chamam atenção para a reprodução desses estereótipos no sentido de não refletir as mudanças na realidade de crianças e adolescentes:

As imagens de homens e mulheres apresentadas nos manuais escolares não refletem, em geral, a realidade em que vivem hoje as crianças e não oferecem às meninas a mesma igualdade de oportunidades dada aos meninos. Na apresentação da "vida" e da "família" (relações entre casa e filhos, marido e mulher, pai e mãe), deve ser considerado que a divisão dos papéis e das tarefas da mulher e do homem na vida moderna também está em evolução. (USP - NENGE/CNPq, 2006, p.18).

O guia apresenta ainda as mudanças refletidas na sociedade no que tange ao protagonismo e autonomia da mulher em sua própria vida, e que não são representadas nos materiais didáticos, tampouco vão formar e fortalecer meninos e meninas a lidar com essa nova realidade, denunciando que estes materiais são injustos ao tratarem do gênero:

[...] as discriminações aparecem das formas mais variadas: nas ilustrações, por exemplo, mulheres e meninas são minoria em relação a homens e meninos; os papéis atribuídos ao sexo feminino são mais reduzidos e menos variados; os assuntos escolhidos geralmente favorecem os meninos, as personagens principais são sempre masculinas, sejam elas seres humanos ou animais; os meninos são mais ativos e as meninas mais contemplativas. (ALAMBERT, 1990, p. 26 *apud* USP - NENGE/CNPq, 2006, p.19).

Além da baixa representatividade, o guia também apresenta uma denúncia quanto ao protagonismo das mulheres nos livros didáticos:

Praticamente, apenas a personagem masculina desempenha atividades como estudar, pensar, refletir, explorar. O trabalho estabelece fronteiras entre os mundos masculino e feminino [...] quanto aos papéis na família, o pai é apresentado nos livros didáticos como sendo o provedor material por excelência, organizador do universo familiar,

autoridade, com privilégios. A imagem de mãe aparece predominantemente idealizada como abnegada e mártir, como “um misto de fada, santa e rainha”, arcando sozinha com todas as tarefas domésticas. O lazer infantil também é segregado por sexo. (NEGRÃO 1990, p.62-63 *apud* USP - NENGE/CNPq, 2006, p.19).

Outra denúncia feita pelo guia é ausência do direito de existir quando realizamos uma crítica racializada da mulher nos livros didáticos:

A imagem do homem branco adulto é tomada como representante da raça humana; personagens femininas aparecem com menor frequência; a menina negra quase nunca aparece, e a mulher negra aparece menos que o homem negro; personagens masculinas são majoritárias. A mulher índia aparece padronizada, sem traços distintos captando suas multiplicidades culturais. (NEGRÃO 1990, p.60-61 *apud* USP - NENGE/CNPq, 2006, p.19).

Nesse sentido, se faz estratégico que as escolas e professores(as) pratiquem ações que introduzem e fortaleçam nos alunos(as) o protagonismo, a autonomia decisória, não se omitindo e/ou reforçando modelos que alienam o seu direito de existir:

Para efetivar essas mudanças, é fundamental envolver as famílias. Ao ignorar o potencial e as qualidades das meninas, põe-se em situação de desvantagem não só a elas, mas também aos meninos. Tratar as meninas de forma séria não é apenas uma questão de justiça, mas de sobrevivência cultural, sócio-econômica e de cidadania. As escolas devem incentivar tanto as meninas como os meninos, a usar as habilidades necessárias para participar no mercado de trabalho, na família e na comunidade. Desde o início, é essencial adotar uma postura crítica em relação aos materiais pedagógicos utilizados na escola que, com frequência, reproduzem mensagens e imagens sexistas e preconceituosas. (USP - NENGE/CNPq, 2006, p.19).

O artigo invoca a importância da escola, bem como de professores e professoras, a partir do reconhecimento da injustiça com que as linguagens trazem essas diferenças nos materiais didáticos.

Os materiais didáticos representam um sistema de mundo onde os homens serão protagonistas em processos decisórios e as mulheres ocuparão lugares com pouco ou nenhum protagonismo. O artigo faz crítica aos materiais didáticos quando, no geral, não representam a realidade, tampouco refletem a ruptura com o modelo de desigualdade, e por isso o texto apresenta ferramentas que possibilitam contrapor modelos e estereótipos contidos nos materiais didáticos.

A partir desse reconhecimento, o artigo apresenta duas ferramentas que possibilitam a ruptura com modelos sexistas: a reflexão crítica por meio da autoavaliação com perguntas ilustrativas que facilitam a ação igualitária, estratégias para a promoção da igualdade de gênero, bem como um quadro comparando e sugerindo práticas de linguagens antixistas.

As perguntas levam a refletir sobre práticas nos seguintes pontos:

- a) Potencialidades das meninas;
- b) Expectativa profissional;
- c) Continuidade dos estudos;
- d) Liderança;
- e) Capacidade de escuta e fala para meninos e meninas;
- f) Práticas esportivas;
- g) Atenção a imagens negativas do corpo;
- h) Preconceito de gênero como prática social;
- i) Conscientização sobre o preconceito de gênero;

Quadro 5: Lista de Perguntas – Guia: Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência (continua)

Lista de Perguntas	S I M	Às Veze	N Ã O
• Encorajo às meninas a não esconder suas capacidades?	o	o	o
• Tenho a expectativa de que todas e todos os/as estudantes explorem as várias opções de engajamento profissional?	o	o	o
• Encorajo todos e todas, incluindo meninas grávidas, a não abandonar os estudos?	o	o	o
• Acho que tanto as meninas como os meninos podem desenvolver habilidades de liderança?	o	o	o
• Oriento meninas e meninos a desenvolver habilidades tanto para escutar como para falar?	o	o	o
• Incentivo meninas e meninos a praticar esportes, mas respeito os/as que não gostam de práticas esportivas?	o	o	o
• Estou atento/a ao fato que muitos e muitas estudantes têm uma imagem negativa do próprio corpo?	o	o	o
• Compreendo que o preconceito de gênero é um problema da sociedade e não do indivíduo?	o	o	o
• Tento conscientizar meninos e meninas sobre como acontece o preconceito de gênero?	o	o	o
• Aceito críticas construtivas a respeito do meu comportamento em relação ao gênero?	o	o	o

Quadro 5: Lista de Perguntas – Guia: Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência (continuação)

• Quando fazem piadas sexistas ou racistas, explico por que não são corretas?	o	o	o
• Incentivo meninas e meninos a desenvolver a sociabilidade e aprender a cuidar das outras pessoas?	o	o	o
• Encorajo meninas e meninos a desenvolver habilidades para falar em público e agir como líderes na escola?	o	o	o
• Em sala de aula, peço aos e às estudantes para realizar tarefas tais como abrir janelas, decorar as paredes ou operar um equipamento?	o	o	o
• Intervenho quando as meninas, ao trabalhar em grupo com os meninos, são relegadas a cargos estereotipados (como secretária, por exemplo)?	o	o	o
• Reforço nos e nas estudantes os sistemas de valores de justiça?	o	o	o
• Tento reverter os estereótipos de gênero?	o	o	o
• Chamo atenção para o fato de que meninas e meninos não formam grupos monolíticos?	o	o	o
• Incentivo meninas e meninos a obter bolsas de estudo e prêmios?	o	o	o
• Desencorajo toda e qualquer violência praticada contra mulheres e homens?	o	o	o
• Questiono comportamentos de perseguição sexual?	o	o	o
• Procuo não fazer piadas ou comentários racistas e sexistas?	o	o	o
• A decoração da minha sala de aula reflete as contribuições de mulheres e homens?	o	o	o
• Convido mulheres e homens a dar palestras na escola?	o	o	o
• O trabalho entre as e os estudantes em saia de aula é cooperativo?	o	o	o
• Quando planejo as aulas penso em exemplos da vida real?	o	o	o
• Faço as mesmas perguntas às meninas e aos meninos?	o	o	o
• Uso o mesmo tom de voz com as meninas e com os meninos?	o	o	o
• Desencorajo a competição, como grupo, entre meninas e meninos?	o	o	o
• Destaco os sucessos de mulheres e meninas assim como de homens e meninos?	o	o	o
• Na sala de aula falo sobre gênero, poder e sexualidade?	o	o	o
• Reflito sobre o fato de que mais da metade da população do mundo é feminina?	o	o	o
• Uso leituras com textos escritos por mulheres?			
• Uso linguagem não-sexista e incentivo todas as pessoas a fazer o mesmo?			
• Enquanto ensino, circulo, observando a aprendizagem dos e das estudantes?	o	o	o
• Propício oportunidades de práticas esportivas em igualdade de condições?			

Quadro 5: Lista de Perguntas – Guia: Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência (conclusão)

<ul style="list-style-type: none"> • Incentivo igualmente o envolvimento das meninas e dos meninos em atividades de ciências e matemática? • Tento elevar a consciência de minhas e de meus colegas sobre o preconceito de gênero? • Nas reuniões escolares, converso com as famílias recomendando formas de aumentar a equidade de gênero na escola e em casa? • Convido as famílias a participar de atividades da escola como voluntários/as, palestrantes, pesquisadores/as? • Ajudo os e as estudantes a recuperar as histórias de suas famílias, incluindo a das mulheres? 	<input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/> <input type="radio"/>
--	---

Lista baseada em WHEELER, Kathryn A., How Schools Can Stop Shortchanging Girls (and Boys): Gender-Equity Strategies, Wellesley, Center for Research on Women, 1993, p. 17-28 apud (NENGE/CNPq, 2006, p. 23-24).

O quadro apresentado no artigo reflete casos em que podemos evitar a linguagem sexista:

- a) Emprego do masculino como valor genérico;
- b) Direitos Humanos;
- c) Uso permanente de estereótipos;
- d) Julgamentos subjetivos;
- e) Tratamento diferenciado na esfera profissional;

Quadro 6: Sugestões e Possíveis soluções (continua)

Usos Correntes	Possíveis Soluções	Comentários
O homem, os homens.	Os homens e as mulheres. Os seres humanos. A humanidade. As pessoas.	Evitar o uso genérico de o homem, os homens.
Os Direitos do Homem. Os Direitos dos Homens.	Os Direitos Humanos. Os Direitos da Humanidade.	São direitos de todas as pessoas (mulheres e homens).

Quadro 6: Sugestões e Possíveis soluções (continuação)

Menino brinca com bola. Menina brinca com boneca.	Não há brinquedo ou brincadeira específica para cada sexo. Menino e menina podem e devem brincar juntos com o mesmo brinquedo ou brincadeira.	Evitar o uso de expressões: Isto é brinquedo de menino. Esta brincadeira é de menina.
Imagem e representação: As posições de comando e moral são sempre masculinas. Geralmente, as mulheres aparecem como esposas e mães.	Desenvolver a visão de que a pessoa alcança melhores posições por competência e não por condição de gênero. Destacar que as mulheres podem ter outro estado civil, além do de esposas. Aos homens tem sido negada a visibilidade da função paterna.	Pela Constituição Brasileira, todos os homens e mulheres são iguais perante a lei Demonstrar que é necessário haver oportunidade igual para ambos os sexos.
As áreas de educação e saúde são basicamente femininas, ao passo que as áreas de exatas são masculinas. Os homens constroem a história.	Atualmente, as mulheres participam de modo ativo de todos os setores e campos profissionais. Em algumas áreas, elas são presença marcante. Os homens e as mulheres constroem a história.	Demonstrar que tanto há professores e enfermeiros como químicas e técnicas em informática, etc. Ressaltar que a atividade profissional não é extensão do lar. Apresentar o papel das mulheres em cada momento histórico.
Menino não chora. Forte como um menino. Frágil como uma menina.	Criança chora. O menino e a menina são fortes e corajosos/as.	Mostrar meninos e meninas como igualmente capazes em termos de maturidade, autocontrole, doçura, egoísmo, sensibilidade, motivação, rudeza, subjetividade, etc.
Em alguns livros escolares, a mulher aparece exercendo atividades no lar, o homem, no escritório, na oficina, etc.	Dar visibilidade às mulheres que trabalham fora de casa. Destacar, para os dois sexos, a importância do trabalho no lar.	Apresentar mulheres e homens em todos os cargos e funções profissionais, observando que a mulher é tão competente quanto do homem.

Quadro 6: Sugestões e Possíveis soluções (conclusão)

Nas Ilustrações, as mulheres e os homens aparecem sempre em grupos separados.	Equilíbrio entre os sexos nas ilustrações e representações de personagens. Situações em que mulheres e homens compartilhem atividades e responsabilidades. Nas representações, não deve haver isolamento entre mulheres e homens.	Estimular a presença de modelos femininos, positivos e fortes, com os quais as meninas possam se identificar e desenvolver autoconfiança. Evitar desequilíbrio gritante nas representações. Mostrar que contribuições e experiências femininas são essenciais e decisivas à evolução da sociedade.
É usual estudar o tema mulher e gênero fora do currículo escolar.	O estudo de gênero deve estar integrado ao cotidiano das disciplinas e da escola.	É importante integrar a questão de gênero aos princípios e valores, fundamentais da educação, de modo que a experiência escolar contribua para a igualdade entre os sexos.

Fonte: UNESCO, 1988, apud USP - NENGE/CNPq, 2006, p.58-59.

Antes do aprofundamento das estratégias, o guia sugere três *exercícios de aquecimento* (grifo dos autores) para serem praticados em sala de aula. O primeiro exercício nos possibilita avaliar a reprodução das expectativas e consciência do preconceito de gênero, que levam a trabalhar a imagem de mulheres e homens no imaginário estudantil, a produção de modelos nos meios de comunicação e informação, a percepção quanto o trabalho realizado por homens e mulheres, o histórico do trabalho na família, e os limites impostos pelo sexismos no trabalho.

Os exercícios de conscientização sobre o preconceito de gênero nos levam a entender a percepção dos estudantes sobre os tratamentos que recebem na escola e na sociedade, sobre as diferenças que teriam se fossem do sexo oposto, e avaliação conjunta dos meios de comunicação e informação. O terceiro exercício busca a promoção de comportamentos livres de preconceitos e estereótipos, propondo atividades que revertam atividades com papéis definidos, variando as atividades.

O guia apresenta então, uma série de estratégias que possibilitam a promoção da igualdade de gênero, conscientização e informação quanto às questões de gênero, possibilitando ambientes não sexistas através de comportamentos livres de estereótipos. Ao todo, são nove estratégias, com objetivos, sugestões de práticas e comentários:

- a) Esportes e Educação Física — Cooperação e não Competição;
- b) Atividades Lúdicas (Brincadeiras e Brinquedos);
- c) A Importância da Auto-Estima;
- d) O Ensino de Sexualidade e Saúde;
- e) Educação para o Trabalho - a Profissão no Futuro;
- f) Proteção Especial à Criança e à Família;
- g) Evitando os Estereótipos;
- h) Trabalhando com a Escola, a Família e a Comunidade;
- i) Atividades para o 08 de Março, Dia Internacional da Mulher.

Sobre esportes e educação, o Guia chama atenção para o avanço das mulheres na ocupação de espaços esportivos dominados majoritariamente por homens, bem como a confusão entre o aspecto cultural e o biológico, gerando mitos limitadores quanto ao uso do corpo. Nesse sentido, se faz necessário, práticas esportivas que incluam meninos e meninas como protagonistas, e não como meros espectadores, tendo como objetivo a cooperação, o interesse por práticas esportivas criativas e saudáveis, e o esporte como estímulo a saúde do corpo e da mente, e sugerindo atividades em conjunta, conforme lista abaixo:

- a) Organize atividades esportivas utilizando princípios e estruturas dos jogos cooperativos para desenvolver o espírito de cooperação.
- b) A partir da observação de imagens, por exemplo, um homem dançando ou uma mulher jogando bola, converse sobre o que sentem a respeito dos esportes.
- c) Faça uso de imagens e ilustrações para conversar sobre o papel das mulheres nos esportes, antigamente e na atualidade, mostrando aqueles em que elas participam (corridas de automóvel, maratona, futebol, atletismo, etc).
- d) Organize jogos com turmas mistas em diversas modalidades, com o objetivo de promover a integração, a participação e a cooperação.

Tendo como orientação o “princípio de que se o importante é competir, o fundamental é cooperar” (BROTO, 1995 *apud* USP - NENGE/CNPq, 2006, p.30), o guia propõe o uso de um esquema que contrapõe os jogos tradicionais com jogos alternativos, que possibilitam a ampla diversão e inibam os sentimentos de derrota, promovam inclusão, solidariedade e cooperação, entendimento e aceitação da derrota, propondo uma lista de jogos, como o basquete amigão e cadeira livre. Por fim, comenta a “importância do esporte cooperativo para a formação da cidadania, do caráter, da personalidade e da saúde, contribuindo também para a igualdade de gênero”, (USP - NENGE/CNPq, 2006 p.32).

Nas atividades lúdicas, o guia se foca nos brinquedos e nas brincadeiras como potência conscientizadora e pedagógica, ao mesmo tempo em que questiona como a engrenagem social naturaliza a posição de homens e mulheres, chama atenção da importância da relação educador-comunidade escolar, na orientação sobre o tema: “Os educadores e as educadoras devem informar aos pais e mães, tanto da importância e função de cada brinquedo, como sobre o papel dos jogos na formação da criança e da/o adolescente”. (Romão, 1983, p.14 *apud* USP - NENGE/CNPq, 2006, p. 34).

Objetiva-se então a orientação pelo não sexismo e que estimulem potencialidades bem como o gosto pela leitura, sugerindo reflexões e atividades que visem o uso de brinquedos e brincadeiras, a troca de brinquedos entre meninos e meninas, e a leitura como atividade lúdica. Por fim, comentam que:

Brinquedos, brincadeiras e jogos são práticas muito sérias, pois funcionam como ensaios gerais da vida adulta. Estas atividades possibilitam que a criança e o/a adolescente incorporem, com prazer, atitudes positivas quanto às relações de gênero. (USP - NENGE/CNPq, 2006, p. 35).

Quanto à importância da autoestima, denuncia a socialização da valorização da aparência de modelos, excluindo a pluralidade dos corpos, forçando a internalização de imagens que não se enquadram em suas realidades. O objetivo nesse sentido é a construção de imagens libertadoras, que valorizem a autoestima, e o direito a realização social e pessoal, sugerindo atividades que sensibilizem sobre a autoimagem. Por fim, comentam que:

Como os/as estudantes precisam de constante reforço às suas ações e reações, a responsabilidade do/a educador/a é muito grande. Ao perceber que eles/as não conseguem enfrentar dificuldades encontradas no percurso da vida, o/a educador/a deve buscar auxílio junto ao setor especializado da escola ou da comunidade para o desenvolvimento de uma pessoa sadia. (USP - NENGE/CNPq, 2006, p. 37-38).

No que toca à sexualidade e a saúde, o guia chama atenção para contexto histórico da sexualidade, ampliando a relação desta com o aspecto social, evidenciando campos de atuação da escola e seus desafios junto a sociedade neste tema:

[...] a educação sexual deve ser considerada como importante instrumento de trabalho para educação formal. [...] Mas a Escola tem que vencer os preconceitos sobre a questão, a partir do entendimento de que o discurso sexual não toca apenas a esfera privada do indivíduo, mas investe na cultura e na vida sexual da sociedade. [...] Educação sexual não significa apenas informação e educação higiênico-sanitária. [...] A educação sexual que prevemos é aquela que leva o indivíduo à aquisição de uma consciência sexual favorecida pelo conhecimento da pessoa humana, pelo respeito às leis que a regem, pela rejeição aos preconceitos e aos erros cotidianos cometidos neste terreno. Portanto, a educação sexual não é uma disciplina isolada; ela faz parte da educação geral do indivíduo. (ALAMBERT, 1990, p. 28 *apud* USP - NENGE/CNPq, 2006, p. 39).

E complementam:

O/a educador/a deve estabelecer a ligação entre a sexualidade, o desenvolvimento pessoal, as relações interpessoais e a estrutura social, além da auto-estima, dando uma visão histórica e cultural da sexualidade, situando-a no contexto político e social. Além disso, diferenciar os valores básicos - igualdade, integridade, liberdade, afetividade, consideração pelo outro - dos valores controvertidos como a legalização do aborto, a gravidez na adolescência, as vulnerabilidades específicas em relação à saúde sexual e reprodutiva como as doenças sexualmente transmissíveis (DST) e a AIDS. (USP - NENGE/CNPq, 2006, p. 39).

A estratégia proposta sobre essa temática tem como objetivos o desenvolvimento da autoestima, conhecimento e cuidados com o corpo, o reconhecimento da diferença entre reprodução e sexualidade, respeito quanto a opção sexual, rejeição de estereótipos de sexualidade, orientação sobre gravidez precoce, orientação sobre prevenção, abuso e violência sexual, orientação sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST).

São sugeridas as seguintes ações: desenvolvimento de uma relação de confiança entre educador-aluno, discussões sobre sexualidade e prevenção de doenças, discussão de polêmicas que ocorram no dia a dia, uso da expressividade para trabalhar limites e vulnerabilidades.

Por fim, comentam sobre a noção de saúde e bem estar, busca por maiores informações sobre o tema, e a denúncia junto as autoridades competentes para a suspeita ou ocorrência de abuso e/ou violência sexual.

Na parte em que trata a educação para o trabalho, a profissão do futuro, destaca a importância do acesso a informações sobre o trabalho, suas desigualdades, e a imposição de estereótipos profissionais influenciam na livre escolha. Evidenciar a pluralidade do trabalho, a

reflexão sobre a escolha independe do sexo, e a igualdade quanto a remuneração, são alguns dos objetivos. Sugere-se o desenvolvimento de atividades tanto nas profissões conhecidas, quanto nas profissões desejadas, por fim comentam sobre a equidade na realização de tarefas domésticas, atividades de campos com educandas(os) e palestras com profissionais.

Em relação a proteção especial à criança e a família, o guia evidencia a importância da escola no sentido de reflexão sobre a violência, bem como o estímulo a redes de solidariedade, partindo da noção que a desigualdade e injustiça econômica e social é em si a primeira forma de violência, destacando que a violência de um modo geral, e a violência familiar, de uma modo específico, são naturalizadas no processo de educação.

As ações nesse tema tem como objetivos a capacitação de educadores(as), quanto a proteção das relações familiares que crianças e adolescentes estão inseridos, o entendimento quanto às deficiências do sistema escolar, e a responsabilidade que escola e educadores(as) estão inseridos para a formação de uma sociedade justa.

As sugestões para o tema tratam de desenvolvimento do espaço dos(as) alunos(as) na sala de aula, diálogo sem culpabilização, incentivo a autoestima, escuta em caso de suspeita de abuso, busca de apoio para atendimento de vítimas. Os comentários orientam para a busca de programas de proteção à criança e a família, e a realização de trabalhos com o conceito de direitos humanos junto aos estudantes.

Ao tratar do tema evitando estereótipos, retoma-se o conceito de estereótipo, como ele afeta as relações dos estudantes, e a reprodução naturalizada em seus comportamentos. Tem como objetivos a ruptura com atitudes sexistas, valorização da pessoa e a reprodução da equidade de gênero nos hábitos. Sugere-se o uso da autoavaliação como meio conscientizador, atenção aos estereótipos nos livros didáticos, valorização do protagonismo das mulheres na história humana, alerta quanto a comportamentos estereotipados, e reflexão quanto a injustiças. Comenta ainda que o enfrentamento dos estereótipos significa a luta pela erradicação do preconceito de gênero.

Na parte, trabalhando com a escola, a família e a comunidade, o guia nos introduz para a importância do trabalho coletivo pela promoção da igualdade de gênero, de forma a realizar pontes e diálogos entre escola, família e comunidade. O objetivo dessa estratégia é a integração de ações, informações e propaganda que possam realizar a interação nesses espaços, apresentando sugestões para a escola, família e comunidade. Em relação a escola, propõe a articulação e o engajamento entre professores, a denúncia de materiais sexistas, incentivo aos colegas de profissão para um comportamento equitativo, e a realização de palestras nas escolas. Para a família, atenção para reprodução de comportamentos tóxicos,

compreensão dos limites e das potencialidades da família, e incentivo ao combate do preconceito de gênero. Para a comunidade, as propostas orientam para o uso dos recursos da comunidade, de políticas públicas, entidades, e apoio e formação de legislação para a promoção da igualdade de gênero.

Nas atividades para o 08 de março, dia internacional da mulher, o guia nos introduz com uma contextualização histórica, e a pluralidade de ações que são realizadas nesta data, e que não só podem como devem envolver a família e a comunidade. Temos dois objetivos: o destaque no calendário reservado às mulheres, e uso de abordagens que tratem do protagonismo da mulher.

Sugere-se o uso de documentos audiovisuais e/ou impressos que tratem das conquistas das mulheres, promoção de encontros, palestras e discussões, e o uso do teatro que reflitam sobre o lugar e o modo de agir de homens e mulheres no cotidiano. Comenta que “essas atividades não devem ser desenvolvidas por conta, apenas do 08 de março, mas durante todo o ano letivo, pois todo dia é dia de igualdade de gênero” (USP - NENGE/CNPq, 2006, p. 39).

Por fim, as autoras consideram que a erradicação do sexismo parte da mudança de mentalidade social em si, e não apenas dos materiais didáticos, sendo estratégica a integração entre a prática de ensino que reflita e a mudança de mentalidade.

Interessante destacar a escola como auxiliar, pois o sexismo produz as estruturas escolares. Reconhece-se a importância estratégica da escola, mas nem sempre essa estrutura vai permitir ações de ruptura com modelos de opressão, inclusive, em certos espaços escolares a depender da conjuntura política interna e/ou externa, decisões, ações e omissões irão de encontro a manutenção da produção do *status* sexista. Por isso a importância da escola estar num lugar de auxílio, abrindo a liberdade dos professores em fazer contraposição.

Podemos considerar ainda que a ruptura com modelos predominantemente sexistas se faz necessária, visto que as mesmas não condizem com uma realidade que buscamos justa e igualitária, e que para isso requer a apropriação de conceitos, métodos e ferramentas que valorizem a igualdade entre meninos e meninas na escola, já que esta possui lugar estratégico na mudança de mentalidade da sociedade, não apenas por meio de práticas isoladas, e sim pautadas em todo o sistema de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importantes autores e trabalhos da Geografia brasileira são ainda pouco conhecidos pelos estudantes e profissionais do próprio campo científico disciplinar da Geografia no Brasil, embora recentemente o campo da pesquisa historiográfica da Geografia brasileira tenha recebido contribuições, estas ainda não são numerosas.

Assim, a concepção desse trabalho foi realizar uma pesquisa investigativa sobre memória e história intelectual da Geografia brasileira, resgatando informações precisas sobre os intelectuais, como Rosa Ester Rossini.

A análise do percurso da geógrafa possibilitou situá-la no tempo e no espaço para melhor compreensão de suas contribuições para a ciência geográfica brasileira. Portanto esta pesquisa foi realizada com o objetivo de evidenciar as contribuições da geógrafa Rosa Ester Rossini para a história e memória da Geografia brasileira por meio de uma análise biográfica sistemática de sua trajetória de vida, vínculos familiares e institucionais e produção científica, com um foco em suas contribuições teóricas e trabalho pioneiro nos estudos das questões de gênero, pouco visíveis no campo do saber geográfico brasileiro.

De acordo com Rossini, foi através dos “acazos felizes” que foi possível relacionar influências do ambiente com o seu pensamento e sua forma de interpretação do mundo, estabelecendo uma relação entre sua trajetória espacial e sua produção intelectual.

Foi a partir da década de 1980 que Rosa Ester Rossini iniciou os estudos sobre gênero na ciência geográfica brasileira com a temática da força de trabalho da mulher no campo e na cidade, estudos da população e na área de educação e ensino.

O pioneirismo de Rosa Ester Rossini abriu caminhos para os estudos de gênero na produção científica do pensamento geográfico brasileiro. Apesar dos estudos sobre questões de gênero na Geografia brasileira ser recente, os esforços de geógrafas e geógrafos vêm crescendo, a fim de compreender sua relevância para as espacialidades negligenciadas por uma produção do saber geográfico hegemônico e androcêntrica.

A pesquisadora Rosa Ester Rossini ao longo da sua trajetória acadêmica e intelectual dissertou o papel do gênero como um instrumento de força e como uma categoria explanatória dos processos geográficos; como a adoção do conceito de gênero pela Geografia possibilitou avanços teóricos e metodológicos, e ampliação do campo de estudo e como o espaço passou a ser significativo na compreensão das relações de gênero; o significado analítico de divisões

espaciais de gênero mostrando, por exemplo, como tais divisões moldam o trabalho e a sociedade.

A pesquisa buscou apresentar uma análise sobre a produção científica da geógrafa Rosa Ester Rossini que aborda a temática de gênero sob a ótica da inserção da força de trabalho feminina, especialmente monocultura da cana-de-açúcar, na macroárea de Ribeirão Preto como mão de obra assalariada, evidenciando a divisão sexual e espacial do trabalho e a subordinação feminina, buscando refletir espacialmente os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres no contexto das relações de trabalho, abordando as discriminações e desigualdades entre homens e mulheres, bem como as relações sociais que se estabelecem na produção e reprodução do espaço, tema que está diretamente relacionado aos estudos de gênero na Geografia.

A produção intelectual da geógrafa Rosa Ester Rossini também percorreu pela Educação Básica, a partir da criação de um guia sobre igualdade de gênero nas escolas, com o objetivo de apoiar e direcionar aqueles que se interessam em promover a igualdade de gênero nas escolas, bem como nas famílias, bairros e na sociedade em geral.

A ausência de referências sobre as concepções de intolerância à diversidade e sobre o sexismo nos livros escolares e demais materiais didáticos não ajuda a erradicar ou até mesmo diminuir o machismo, a intolerância à diversidade e todas as outras formas de preconceito do cotidiano das pessoas. No entanto, é necessária uma mudança de mentalidade entre todos os envolvidos na educação, bem como famílias, comunidades e sociedade em geral. As questões da diversidade de gênero podem ser abordadas de forma transdisciplinar em todas as áreas de estudo e inseridas no projeto político-pedagógico da escola.

O guia elabora por Rosa Ester Rossini, juntamente com as pesquisadoras Rochelle Saidel, Sonia Calió e Isamara Lima de Jesus considerou uma educação baseada na diversidade, equidade e igualdade de gênero, inserindo novas dimensões no processo de aprendizagem, desde as interações e vivências cotidianas até as formas mais complexas de construção do conhecimento. Nesse sentido, é necessário reconhecer as diferenças como elementos de uma sociedade diversificada social e culturalmente, ao mesmo tempo em que se trabalha para acabar com as discriminações historicamente arraigadas.

Educação com equidade e igualdade de gênero é um processo contínuo que envolve uma série de iniciativas e práticas pedagógicas. Noções preconceituosas devem ser eliminadas, por isso, exemplos, referências e atividades que estimulem a reflexão sobre o assunto e uma mudança substancial de mentalidade devem ser incorporadas à prática pedagógica diária.

Por fim deve ser ressaltado aqui que a geógrafa é uma importante intelectual para a Geografia brasileira e que suas contribuições à ciência em questão, sobretudo o seu pioneirismo nos estudos de Geografia e gênero no Brasil, ainda não cessaram, visto que a professora / pesquisadora ainda produz conhecimento, publicando artigos em periódicos de grande impacto científico (nacional e internacional).

REFERÊNCIAS

- ABREU, J.; Sorj, B. **“Informalidade e precariedade: gênero e raça no Brasil em 1990”**. IV Conferência Internacional da Mulher (Pesquisas, 1995). Rio de Janeiro: IPEA, 1994 (Série Seminários, nº 7).
- ALAMBERT, Zuleika. **O Papel da Educação Formal na Vida da Mulher**. In: MAGNANI, Maria Aparecida Ceravolo (org.) et alli. *A Escola e a Questão da Educação Diferenciada*, S. Paulo, FDE, 1990, p.13.
- ANTUNIASSI, Maria Helena R. **O trabalho familiar da agricultura paulista**. Botucatu, UNESP/FCA, 1983. (Dissertação de Livre-Docência).
- BARROSO, Carmem. **Mulher, sociedade e estado no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- BINI, D.L.C. **“Mudanças históricas e implicações sócio-espaciais na composição das atividades agropecuárias hegemônicas na região de Araçatuba(SP)”**. Tese de Doutorado. São Paulo, 2008.
- BRUSCHINI, C. **Desigualdades de Gênero no Mercado de Trabalho Brasileiro: O Trabalho da Mulher nos Anos Oitenta**. IN: Fernandes, Reynaldo (org.). *O Trabalho no Brasil no Limiar do Século XXI*, São Paulo: editora LTr, 1995.
- CACCIAMALI, M. C. **“Informalidade, flexibilidade e desemprego - necessidade de regras e políticas públicas para o mercado de trabalho e o exercício da cidadania”**. GEOUSP Espaço e Tempo. Revista do Departamento de Geografia, vol. 10, Humanitas - FFLCH, USP, 2001, pp. 77-90.
- CALIO, S. A. **Relações de gênero na cidade: uma contribuição do pensamento feminista à geografia urbana**. São Paulo: Departamento de Geografia/FFLCH/USP, (Tese de doutorado), 1991.
- CORRÊA, Suzi Meire. **Mulheres-Geógrafas: As pioneiras do departamento de Geografia da USP**. São Paulo, 2017.
- COSTA, A. O. e BRUSCHINI, C. (orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- GARCÍA, María Franco. **A luta pela terra sob enfoque de gênero**. Os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema. 2004. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente. 2004.
- HIRATA, H. e KERGOAT, D. **Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França e Japão**. IN: COSTA, A. O.; SORJ, B.; BRUSCHINI, C. e HIRATA, H. (orgs.). *Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Editora Boitempo, 2002.

IANNI, Octávio. **A classe operária vai ao campo.** São Paulo, CEBRAP, 1976. 64p. (Cadernos CEBRAP, 24).

KARSTCHEVSHY, A. et al. **O sexo do trabalho.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1986.
 MIELI, Neide. A mulher na palha da cana, São Paulo. João Pessoa, UFPB, 1985. (Dissertação de mestrado).

LAVINAS, L. Gênero, Cidadania e Adolescência. *In: Quem Mandou Nascer mulher.* (Felicía Madeira – Org.), Record/Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1997.

MACHADO, Mônica Sampaio. **A Construção da Geografia Universitária no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

_____. **Geografia Universitária Carioca e o Campo Científico-Disciplinar da Geografia.** 2002. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo (USP), 2002.

_____; MARTIN. A. R.(orgs). **Dicionários dos Geógrafos Brasileiros.** Rio de Janeiro, 7 Letras, 2014, Vol.1, p. 187-203.

MARTÍNEZ, A. S. et al. **Mujeres, espacio y sociedad: hacia una geografía del género.** Madrid: Editorial Síntesis, Coleção Espacios y sociedades, Série Mayor, 1995.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas: Espaço, política e cultura no Brasil.** São Paulo: Hucitec, 1988.

MOREIRA, Ruy. **O Pensamento geográfico brasileiro, vol3: as matrizes brasileiras.** São Paulo Contexto, 2010.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. **A Imagem da Mulher no Livro Escolar.** In: A Escola e a Questão da Educação Diferenciada. S. Paulo, FDE, 1990, p. 57.

PACCELLI, E. e BRAY, S.C. “**As transformações técnicas na agricultura canavieira: um estudo do setor canavieiro de Araras/SP.** In: GERARDI, L.; CARVALHO, P. (orgs.), Geografia: ações e reflexões. Rio Claro: UNESP/IGCE: AGETEO, 2006, p. 203-215.

PAULINO, Maria I. S. **O trabalho da mulher no meio rural.** Piracicaba, ESALQ, 1976. 145p. (Dissertação de mestrado).

PIONEIRAS DA CIÊNCIA NO BRASIL. 4. ed. Brasília: CNPq, 2015. Disponível em: (<https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/mulher-e-ciencia/pioneiras-da-ciencia-1/pioneiras-4a-edicao>). Acesso em Setembro de 2020.

POSTHUMA, A. C.; LOMBARDI, M. E. 1997. **Mercado de trabalho e exclusão social da força de trabalho feminina.** São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 11, nº 1, pp. 124-131, jan-mar, 1997.

REIS, Maíra Lopes. **Estudos de gênero na Geografia: uma análise feminista da produção do espaço**. Espaço e cultura, UERJ, RJ, n. 38, P.XX-XX, Jul./Dez. de 2015.

ROMÃO, Isabel (coord). **Actividades para uma Educação Não Sexista: sugestões para o ensino pré-primário**. Lisboa, Comissão da Condição Feminina, 1983 (Coleção Mudar as Atitudes, n 6 e n 8).

ROSSINI, Rosa Ester. **Geografia e gênero: a mulher na lavoura canavieira paulista**. São Paulo, USP/FFLCH, s.d. (Tese de Livre-Docência), 1988.

_____. **A Mulher como força de trabalho na agricultura da cana** – Estado de São Paulo. Boletim de Geografia Teorética, v. 22, n. 43 44, p. 295305, 1992.

_____. **Geografia e gênero: a mulher como força de trabalho no campo**. Informações Econômicas, SP, v.23 (Supl.1), 1-58, 1993.

_____. **Mulheres e homens na força de trabalho na agricultura: o exemplo da macro-área de Ribeirão Preto (SP) 1977-2006**. In: Anais do Encontro Nacional da ABEP, Caxambu, MG. 2006.

_____. **Mulher, Família e Meio Ambiente. O trabalho da mulher na agricultura canavieira do Estado de São Paulo (Brasil)**. In: Mulher e meio ambiente. Maceió: EDUFAL, v. 1, p. 15-40, 1994.

_____. **Geografia e gênero: recuperando a memória de uma pesquisa sobre a força de trabalho na agricultura canavieira na macro área de Ribeirão Preto**. São Paulo – Brasil, 1977 – 2008. Revista Latino americana de Geografia e Gênero, v. 1, p. 121-133, 2010.

_____. **Do passado ao presente: O papel da mulher na construção de uma Geografia brasileira**. OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.4, n.11, p. 149-160, out. 2012.

_____. **As geografias da modernidade – Geografia e gênero – Mulher, trabalho e família**. O exemplo de Ribeirão Preto – SP. Revista do Departamento de Geografia, São Paulo, n. 12, p. 7-26, 1998.

_____. **O trabalho da mulher na indústria canavieira altamente tecnificada e capitalizada** São Paulo Brasil. In: LEMOS, Amália Inês Geraiges de; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **América Latina: cidade, campo e turismo**. Buenos Aires e São Paulo: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales y Editora da Universidade de São Paulo, p. 225-242, 2006

_____. **Memorial**. Concurso para Professor Titular – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991. Atualizado em 2015.

_____. **“Geografia e gênero: a força de trabalho feminina começa a ser incorporada pela modernidade tecnológica na agroindústria canavieira na macroárea de Ribeirão Preto – SP”**. XV EGAL – Encontro de Geógrafos da América Latina, Cuba, 2015.

ROSSINI, R. E.; SAIDEL, R. G.; CALIÓ, S. A.; JESUS, I. L. **Guia Prático sobre Ensino e Educação com Igualdade de Gênero**. Comunicação & Educação, [S. l.], n. 8, p. 117-122, 1997. [p=

ROSSINI, R. E.; CALIÓ, S. A. ; JESUS, I. L. ; SAIDEL, R. **Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na Infância e na Adolescência**. Guia Prático para Educadoras e Educadores. 2. ed. São Paulo: NEMGE - USP, 2006.

ROSSINI, R. E. Superando a discriminação: mulher e trabalho na modernidade tecnológica no Brasil. In: SAMARA, Eni de Mesquita (org.). **Populações: (Con)vivência e (In)tolerância**. São Paulo: Editora da USP, p. 245-257, 2004.

ROSSINI, R. E. A luta das mulheres brasileiras por igualdade, equidade de gênero e cidadania. In: COVA, Anne; RAMOS, Natália; JOAQUIM, Teresa (Org). **Desafios da Comparação. Família, Mulheres e Gênero em Portugal e no Brasil**. Oeiras Portugal: Portugal: Celta, p. 17-32, 2004.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Hucitec, São Paulo, 1996.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. et al. **O papel ativo da Geografia. Um manifesto**. XII Encontro Nacional de Geógrafos. Florianópolis: LABOPLAN-FFLCH/USP, 2000.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Joseli Maria. **Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica**. Revista de História Regional, v. 1, n. 8, p. 31- 45, 2003.

_____. **Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica**. In.: _____. (Org.). **Geografias subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009a.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Corpo como espaço: um desafio a imaginação geográfica. In: PIRES, C. L. Z; HEIDRICH, Á. L; COSTA, B. P. **Plurilocalidade dos sujeitos: representações e ações no território**. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, p. 56-75, 2016.

SILVA, J. M; NABOZNY, A.; ORNAT, M. J. **A visibilidade e a invisibilidade feminina na pesquisa geográfica: uma questão de escolhas metodológicas**. Abordagens Geográficas, v. 1, n. 1, p. 23-41, 2010.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. **Geografia Feminista no Brasil nos anos 80, sim senhor!** Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero. 7 (2): 212–219. ISSN 2177-2886, 2016.

SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **América Latina: cidade, campo e turismo**. Buenos Aires e São Paulo: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales y Editora da Universidade de São Paulo, p. 225-242, 2006.

UNESCO. **Recomendaciones Para un Uso No Sexista del Lenguaje**, Paris, 1988.

VALENCIANO, R.C. THOMAZ JUNIOR, A. **O papel da mulher na luta pela terra: uma questão de gênero e/ou classe?** Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, vol. 6, n. 119, p. 2-14, 2002.

WAJNMAN, S.; Perpétuo, I. H. **A redução do emprego formal e a participação feminina no mercado de trabalho brasileiro**. Revista Nova Economia, vol. 7, nº 1, maio de 1997. Belo Horizonte. Brasil, pp. 123-147, 1997.

WAJNMAN, S.; Queiroz, B. L.; Liberato, U.C. **O crescimento da atividade feminina nos anos noventa no Brasil** in XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. População: Globalização e Exclusão. ABEP - Caxambú - Minas Gerais, pp. 2429-2454, 1998.

WHEELER, Kathryn A., **How Schools Can Stop Shortchanging Girls (and Boys): Gender-Equity Strategies**, Wellesley, Center for Research on Women, 1993, p. 17-28